

Pesquisa de ponta conquista espaço nacional



O protagonismo da UFRGS chamou a atenção na divulgação do resultado dos projetos aprovados pelo Ministério da Ciência e Tecnologia e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para o edital de criação dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia. Apesar da ausência da Fapergs, o Rio Grande do Sul aprovou oito propostas, e seis estão vinculadas à Universidade. O Hospital de Clínicas de Porto Alegre será a sede física de quatro INCTs, coordenados por professores da Medicina. A Geociências sediará os estudos da criosfera, e a Bioquímica abrigará a pesquisa em neuroproteção.

Página Central

FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

EXPEDIÇÃO PIONEIRA

Viagem ao interior da Antártica

Instalada num acampamento em meio ao continente gelado, a equipe liderada pelo glaciologista Jefferson Cardia Simões, do Núcleo de Pesquisas Antárticas e Climáticas (Nupac), passou 45 dias coletando amostras de gelo e neve sob condições extremas. Para o pesquisador, o sucesso da viagem simbolizou o ingresso do Brasil na vanguarda das pesquisas sobre mudanças do clima. O trabalho desenvolvido está integrado a diferentes programas internacionais voltados ao entendimento do papel da Antártica na variabilidade climática. **P11**

POLÍTICA

A luta pelo poder na Faixa de Gaza

Para o professor de relações internacionais da UFRGS Paulo Visentini, a comoção diante do elevado número de mortos palestinos numa guerra de forças desiguais é justificada. Ele alerta que uma das faces desse conflito envolve a disputa interna pelo poder político em Israel e também na Palestina. O analista acredita haver interesse em uma negociação geral que traga paz ao Oriente Médio. No entanto, afirma que nesse jogo ninguém quer se mostrar inferior e todos desejam ganhar alguma coisa. Lideranças religiosas islâmica e judaica no RS confirmam o desejo de paz e o cansaço de civis ante o permanentemente estado de guerra. **P10**

ENSINO A DISTÂNCIA

Programa investe em agentes rurais

Moradores de várias cidades do interior gaúcho participaram da primeira edição do curso de graduação tecnológica a distância em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (Plageder), realizado em 2008. Ligado à Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, o curso tem caráter interdisciplinar, reunindo professores de Agronomia, Enfermagem, Geografia e Sociologia. O sucesso da iniciativa, que segundo seus organizadores sinaliza o início de um processo de abertura da Universidade para o interior do estado, já assegurou a aprovação de uma segunda edição pelo Ministério da Educação, a ser realizada neste ano. **P7**

ENTRETENIMENTO

Locadoras criadas por ex-alunos têm ótimo acervo

Surgidas há 11 anos, a partir da iniciativa despretensiosa de jovens estudantes de História apaixonados por cinema, as locadoras instaladas nos espaços da UFRGS dispõem de cerca de 6.500 filmes. Filipe Petrucsh, proprietário da locadora situada no Câmpus do Vale, diz que procura oferecer filmes que possam servir de suporte acadêmico a alunos e professores. A ideia deu tão certo que hoje existem locadoras também nos Câmpus Saúde e Centro. **P6**



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

CULTURA

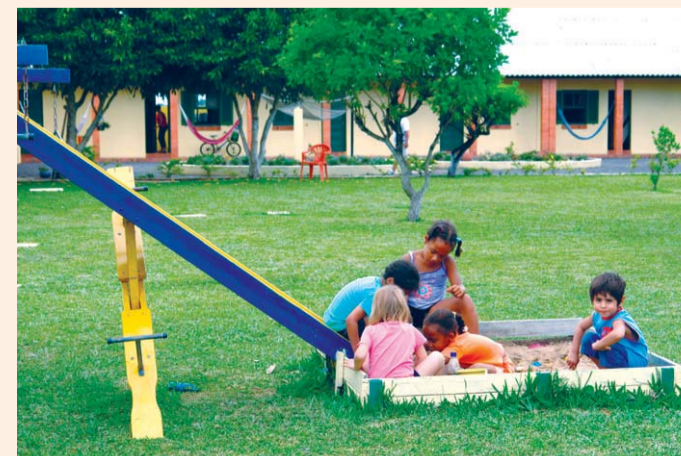
Investimentos na revitalização da cidade

O projeto Caminho do Livro, que pretende atrair pessoas para o centro de Porto Alegre por meio da realização de uma feira do livro semanal na rua Riachuelo, é uma das iniciativas da Prefeitura para revitalizar o Centro. Na área das artes cênicas, a Sala Elis Regina, criada em 1995 na Usina do Gasômetro, aguarda licitação para tornar-se finalmente um teatro com condições de receber espetáculos. Enquanto isso, o público espera que o espaço volte a funcionar. **P12 e 13**

FÉRIAS

Colônias da UFRGS no litoral

A Universidade oferece aos seus funcionários e estudantes duas colônias de férias localizadas nas praias de Tramandaí e de Capão Novo. O diretor das colônias, Paulo Gaspar, explica as principais diferenças entre as hospedarias: "O perfil do veranista é distinto, em Capão as pessoas se interessam pela calma; em Tramandaí, pelas possíveis festas". A capacidade de hospedagem de Tramandaí é maior, pode comportar 300 pessoas, enquanto a de Capão Novo recebe cerca de 150 veranistas. Mais um diferencial é a distância da praia: enquanto a colônia de Tramandaí está a



CADINHO ANDRADE/JU

poucos metros do mar, a de Capão situa-se a um quilômetro de distância. O edital para concorrer a uma vaga nas

Colônias de Férias é lançado todos os anos em outubro pela Secretaria de Assuntos Estudantis. **P5**

Artigo

Bacharel em Medicina: equívoco histórico e acadêmico

Em 2008, a Faculdade de Medicina da UFRGS comemorou 110 anos de atividades, sendo a terceira escola médica criada no país e a primeira do regime republicano. Foi pioneira também no fato de ter surgido a partir de um movimento da comunidade, já iniciando multidisciplinar e congregando várias áreas da saúde. Posteriormente, muitas legislações surgiram; nenhuma, porém, modificando os princípios maiores da formação médica, que se fundamentam na ciência e na arte de entender de modo ético e humanista o ser humano.

Nossa instituição é um dos três cursos de medicina de excelência no país, segundo avaliação do Ministério da Educação (MEC). Nos recentes editais do CNPq, que constituíram os Institutos Nacionais de Pesquisa, nossa faculdade, com o Hospital de Clínicas de Porto Alegre e outras unidades, se consolidou como o maior núcleo nacional, liderando e participando de seis Institutos dos 34 selecionados para a área da saúde.

Nesse cenário de comemorações, fomos tomados de surpresa, quando a Portaria 251, de 16 de junho de 2006, ao renovar o reconhecimento do curso, registrou "Titulação: Medicina, Bacharel". Levamos nossa surpresa aos meios acadêmicos e legais, e fomos informados de



DIVULGAÇÃO/FACULDADE DE MEDICINA UFRGS

que nossa situação não mudaria e que os diplomas de nossos egressos passariam a registrar "Bacharel em Medicina". O fato provocou grande descontentamento, porém nossas autoridades mantiveram-se insensíveis a qualquer perspectiva de mudança: deveríamos cumprir a portaria, e não discuti-la.

Alunos que buscaram estágio no exterior tiveram de voltar à faculdade para obter algum documento que explicasse a diferença, em inglês, entre o diploma de "Médico" e o de "Bacharel em Medicina", causando-lhes um constrangimento totalmente desnecessário. O des-

contentamento extrapolou o ambiente acadêmico e fez com que mais de 1.000 estudantes, professores, médicos e representantes de diversas instituições, incluindo o Cremers e o Sindicato Médico do Rio Grande do Sul, protestassem em manifestação pública e ordeira. Só assim algumas autoridades vieram a público se pronunciar, continuando com informações dúbias e contraditórias. Finalmente, após consulta ao MEC, o novo reitor da UFRGS obteve a informação de que os diplomas poderiam voltar a registrar a titulação "Médico".

A notícia tranquilizou a comunidade da Fa-

culdade de Medicina no que se refere ao documento legal, mas não reparou o equívoco histórico e acadêmico de ter se modificado, por uma simples portaria, a titulação de uma das mais tradicionais e mais bem avaliadas escolas médicas do país. Permanece a forma pouco elegante e simplória com que a instituição e sua reivindicação foram consideradas.

As características do curso o tornam diferenciado e de difícil enquadramento na legislação vigente, especialmente na já ultrapassada LDB. A esse respeito, talvez seja o momento de discutirmos a própria LDB, que insiste em caracterizar nossos cursos superiores como não-determinantes de terminalidade, fazendo com que egressos de licenciaturas e bacharelados não tenham qualquer garantia de carreira profissional. Precisamos urgentemente avançar de nossa tradição acadêmica ibérica, que forma ilustres e cultos doutores que podem não ter qualquer inserção e/ou papel social, para uma visão de terminalidade, profundamente envolvida com nossas necessidades de desenvolvimento social e científico.

A Faculdade de Medicina tem formado médicos e espera poder oferecer a eles um diploma que reflita o verdadeiro aprendizado que receberam. Nossos egressos são Médicos, no sentido hipocrático, humano, humanístico, social, científico e profissional.

Texto redigido antes da publicação da Portaria nº 1.153 do MEC, de 22 de dezembro de 2008, que renovou o reconhecimento do curso, incluindo apenas a habilitação "médico" - retirou-se, portanto, o termo "bacharel" contido na portaria anterior.

Professor Mauro Czeplewski
diretor da Faculdade de Medicina - UFRGS

Espaço da Reitoria

Um ano de ciência

A ciência é uma das grandes aventuras intelectuais da humanidade, e a pesquisa científica é uma das atividades que estrutura a vida acadêmica da Universidade, pois propicia a geração de conhecimento e saber, a formação de pessoas e a integração ensino-pesquisa-extensão. A UFRGS vem, desde há muito, ocupando lugar de destaque entre as instituições de ensino superior do país na pesquisa, pós-graduação e inovação, em todas as áreas do conhecimento.

O ano de 2009 apresenta-se promissor para a ciência na Universidade. Terão início as atividades dos cinco Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia liderados pela UFRGS, e serão analisadas as amostras recolhidas na bem-sucedida expedição do Programa Antártico Brasileiro, também liderada pela Universidade. Estes são alguns exemplos que podemos destacar entre as centenas de projetos científicos em andamento e apoiados institucionalmente.

Este também será um ano importante para a popularização da ciência. O Planetário já iniciou as atividades do Ano Internacional da Astronomia, que marca os quatro séculos das primeiras observações de Galileu Galilei; e o Ano Darwin, em memória do bicentenário do criador da teoria da evolução, uma das mais importantes na área das ciências da vida, será comemorado com uma exposição e diversa programação.

Gerar conhecimento e saber, formar pessoas qualificadas e levar o saber à sociedade, numa linguagem capaz de encantar a todos pelos avanços nos limites da fronteira intelectual, são missões fundamentais da Universidade.

Carlos Alexandre Netto
Reitor

Memória da UFRGS



ACERVO MUSEU DA UFRGS

Inaugurado em 15 de julho de 1910, o prédio da Faculdade de Direito é uma das edificações incluídas no projeto de recuperação do Patrimônio Histórico da Universidade. Imagens desta bela construção podem ser vistas na exposição "UFRGS: (In)Visíveis lugares - serestarficar", em cartaz no Museu.

Mural do leitor

Crítica

Quando um dirigente – nesse caso da UNE – finaliza um discurso carregadamente ideológico com um chavão do tipo "o resto é pura propaganda" (em artigo publicado neste jornal na edição de dezembro), entendo que as pessoas interessadas na pluralidade de ideias devem ficar no mínimo preocupadas. E o resto é pura propaganda. **Enrique Falceto de Barros, formado em Medicina pela UFRGS/2007 e leitor do Jornal da Universidade**

Avaliação de desempenho

Sugiro a inclusão do tema "Implantação de Avaliação de Desempenho na UFRGS" na pauta do Jornal da Universidade. Além da importância do projeto, reforça a necessidade de divulgação da matéria publicada no Informativo da ASSUFRGS (edição nº 6, novembro de 2008) com informações equivocadas a respeito da avaliação. **Profa. Sílvia Generali da Costa, Escola de Administração**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Artur Lopes, Daltro José Nunes, Dirce Maria Antunes Suerregaray, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Maria Henriqueta Luce Kruse, Rudimar Baldissera, Sandra de Deus, Sérgio Marley Modesto Monteiro

Editora-chefe
Ánia Chala
Repórteres
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Bolsistas
Aline Pellegrini, Bruna Goss, Fagner Nogueira, Paula Vieira, Pedro Cassel e Rafael Gloria
Projeto gráfico
Juliano Bruni Pereira
Diagramação
Aluisio Pinheiro
Fotografia
Cadinho Andrade e Flávio Dutra
Revisão
Antônio Falcetta
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

jornal@ufrgs.br

De 2 a 6 de março, o JU recebe inscrições de alunos de graduação em Jornalismo, a partir do 4º semestre, que queiram participar da seleção de bolsistas 2009. Os candidatos devem saber utilizar o editor de textos Word, sendo que para uma das vagas serão exigidos conhecimentos de Dreamweaver. Enviar currículo para o endereço jornal@ufrgs.br informando disponibilidade de horários.

Ciência

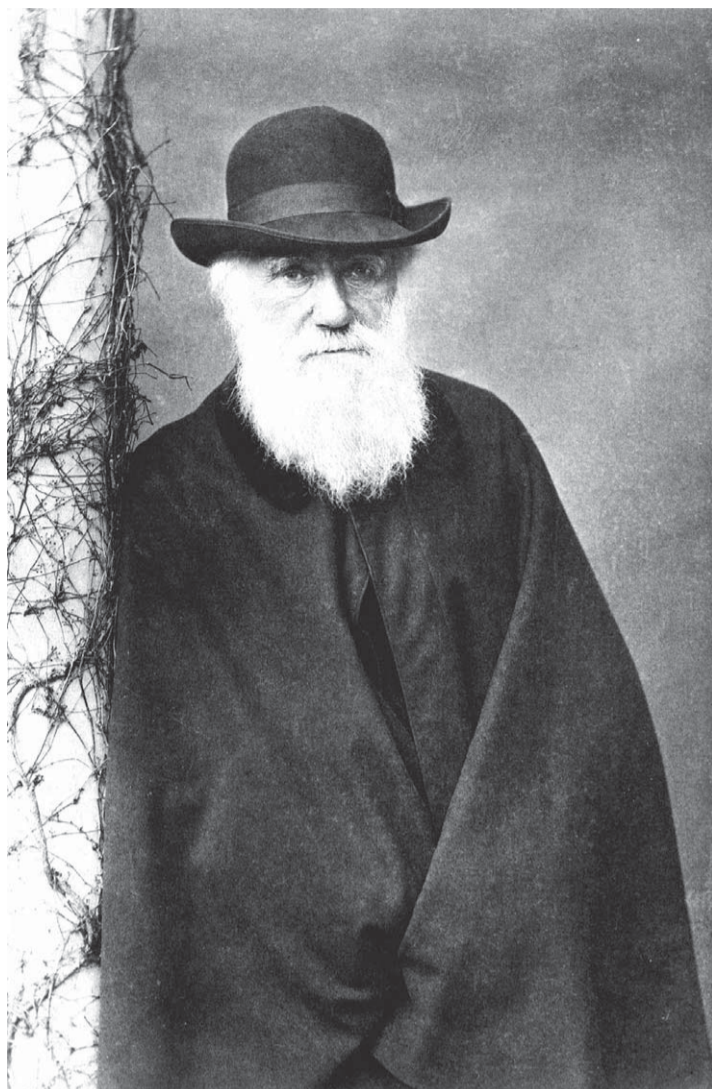
Universidade celebra os 200 anos do nascimento de Darwin

Começa em 12 de fevereiro, data de nascimento de Charles Darwin, uma programação especialmente organizada pelo Instituto de Biociências da UFRGS para comemorar os 200 anos do naturalista e os 150 anos da publicação de *A origem das espécies*, sua obra fundamental. O lançamento das atividades ocorrerá no auditório do Ceclimar, em Imbé, e terá a participação dos prefeitos dos municípios do Litoral Norte, com os quais a Universidade mantém fortes laços por meio da realização de atividades extensionistas.

Segundo Jorge Mariath, coordenador da programação, está prevista uma série de eventos que inclui uma exposição no Salão de Festas da reitoria, uma mostra itinerante e a produção de material instrucional de divulgação científica, que será incorporado ao acervo do Museu da UFRGS. “A museografia terá um foco importante no ensino médio e no ensino universitário. Também estamos em negociações para incluir nessa exposição uma réplica do gabinete de Darwin, pertencente ao Museu de História Natural de Londres”, informa o professor. Parte da exposição irá constituir um museu itinerante que vai percorrer as escolas municipais e estaduais.

As atividades se estenderão de junho a agosto deste ano, culminando com a realização de uma aula magna sobre a viagem de Darwin pela América do Sul, para a qual foi convidado um pesquisador brasileiro de renome. Além disso, está previsto um espetáculo teatral produzido a partir de um texto sobre a vida do naturalista, a ser encenado por grupo de teatro local.

Para o professor, “se obser-



REPRODUÇÃO/JU

varmos a trajetória de Darwin, veremos que o pensamento científico mudou a partir das ideias evolucionistas: do conceito divino da criação para o de evolução das espécies a partir de adaptações. Até hoje, toda a base para a interpretação científica baseia-se na teoria criada por ele. Em sua viagem a bordo do *Beagle*, observando tartarugas, pássaros e orquídeas, ele conseguiu perceber que as espécies seguiram rotas evolutivas distintas”. Mariath ressalta que Darwin teve a qualidade do naturalista, do observador com a capacidade de notar variações mor-

fológicas e se perguntar sobre o porquê dessas mudanças, numa época em que ninguém fazia esse tipo de questionamento. “Ele olhava a forma, observando as espécies de fora para dentro. Hoje, graças à tecnologia, podemos fazer o caminho inverso, olhando de dentro para fora. E seguimos comprovando suas descobertas, usando outros caminhos. Ainda assim, temos muitas perguntas sem resposta, mas é aí que reside a graça da ciência”, conclui o professor.

Mais informações sobre a programação podem ser obtidas pelo telefone 3308-7753.

Editais

Inscrições para concessão de benefícios

A partir do próximo mês, estarão abertas as inscrições para o Programa de Benefícios oferecido pela Secretaria de Assuntos Estudantis (SAE), da UFRGS. Os editais podem ser acessados pelo endereço www.ufrgs.br/sae e estarão em vigor de fevereiro a novembro de 2009, com períodos de inscrição do dia 1º ao dia 15 de cada mês, exceto nos meses de fevereiro e de julho. Têm direito aos benefícios alunos de graduação (inclusive de edu-

cação a distância), de pós-graduação, do Instituto de Pesquisas Hidráulicas, do Colégio de Aplicação e da Escola Técnica, incluindo o EJA e o PROEJA da UFRGS. Os candidatos deverão atualizar seus dados pessoais no Portal do Aluno. O Programa consta de cinco Restaurantes Universitários, com refeições diárias (café da manhã somente para os moradores das casas de estudantes), com um custo diferenciado. Os alunos carentes de recur-

sos socioeconômicos cujas famílias não residam em Porto Alegre ou na Região Metropolitana podem concorrer a uma vaga na Casa do Estudante Universitário (CEU), junto ao Câmpus Centro. Existem também as Bolsas Permanência e Reuni, sendo que a primeira atende somente alunos da Escola Técnica e da graduação, e a segunda é exclusiva para estudantes de graduação. Ambas objetivam complementar o processo de aprendizagem, com a contrapartida de um auxílio financeiro. Além dos benefícios já citados, a Secretaria de Assuntos Estudantis oferece o Programa Saúde (PS), com atendimento ambulatorial mediante encaminhamento do clínico geral e sem exames complementares. O atendimento odontológico é feito no primeiro dia útil de cada mês, por meio de agendamento. Tanto para a primeira solicitação quanto para as renovações, o candidato deverá efetivar sua inscrição preenchendo o Cadastro Socioeconômico *online* no Portal do Aluno.



RU do Câmpus da Saúde, um dos cinco restaurantes universitários

CADINHO ANDRADE/JU

Especialização Educação infantil

Até 10 de março, a Faculdade de Educação recebe inscrições para o Curso de Especialização em Educação Infantil: articulações com o Ensino Fundamental. O programa abrange, entre outros temas, planejamento e avaliação de projetos pedagógicos para a educação da infância. Dirigido a professores, coordenadores, supervisores e psicólogos, o curso será desenvolvido de março de 2009 a julho de 2010 às sextas-feiras, das 18h às 21h, e aos sábados, das 8h às 12h. Os candidatos serão selecionados por meio de prova escrita, análise de currículo, memorial e entrevista. Mais informações pelo telefone 3308-3270 ou pelo e-mail ppgedu@ufrgs.br.

Bolsas Extensão lança edital 2009

O Programa de Bolsas de Extensão está recebendo proposta até o dia 6 de março. Criado com o objetivo de contribuir para uma formação acadêmica, profissional e cidadã, fruto das experiências dos alunos junto à comunidade interna e externa à Universidade, o programa proporciona a participação de estudantes de graduação em ações extensionistas. A divulgação do resultado da distribuição de bolsas ocorrerá em 1º de abril, sendo que os coordenadores deverão fazer a indicação dos bolsistas no período de 6 a 30 de abril. Mais informações no edital completo disponível no site www.prorext.ufrgs.br

Funarte Professores do IA selecionados

Felipe Kirst Adami e Dimitri de Ávila Cervo, docentes do Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS, receberam a Bolsa de Estímulo à Criação Artística – categoria Composição Erudita – da Fundação Nacional de Artes (Funarte). Adami foi selecionado pelo projeto *Sinfonia Sistemica*, e Cervo recebeu a distinção pela *Série Brasil 2010*. O incentivo é destinado a propostas de criação e pesquisa de linguagens nas áreas de Artes Visuais, Literatura, Dança, Dramaturgia, Fotografia, Música Popular e Música Erudita. Foram concedidas duas bolsas por categoria em cada região do país, totalizando setenta. Os artistas e profissionais contemplados deverão desenvolver trabalhos inéditos, com o objetivo de ampliar a produção e a difusão das artes nacionais.

Documentário Diálogo com a cultura indígena

O registro do encontro de uma cacique do povo Charrua e um fotojornalista carioca é o ponto de partida do documentário *Perambulantes - a vida do povo de Acua em Porto Alegre* (Brasil, 2008, 60 min.), dirigido pela produtora cultural da Faculdade de Educação Giancarla Brunetto e pela jornalista e cineasta Karine Emerich. Financiado com recursos do Fumproarte, o filme foi exibido em sessão especial na Sala Redenção, em 27 de janeiro, e traz depoimentos que contribuem para a compreensão da problemática indígena, tendo como pano de fundo diversos locais do meio urbano.

Reconhecimento Paulo Visentini recebe prêmio Intelectual do Ano



CADINHO ANDRADE/JU

O professor do curso de Relações Internacionais da Universidade, Paulo Visentini, recebeu o prêmio Joaquim Felizardo na categoria Intelectual do Ano. A premiação, concedida pela Secretaria Municipal de Cultura, também agradeceu Donaldo Schüller, professor emérito da UFRGS, na categoria Literatura. Visentini (foto) disse que a escolha veio reforçar a opção por uma trajetória crítica à modernidade. “Abandonei a carreira de economista nos anos 70, uma época em que a profissão tinha muito prestígio, optando pelo curso de História. Não foi um caminho fácil, mas sempre digo aos meus alunos que eles devem estudar o que gostam”, explica o professor.



UFRGS TV

Retrospectiva Três anos de intensa produtividade

Redação UFRGS TV

Foram mais de cem programas produzidos ao longo de 2008. Em seu terceiro ano de atividade, a UFRGS TV ampliou seu espaço na UNITV, aumentou o número de estudantes bolsistas, firmou novas parcerias e criou três programas novos, sempre buscando divulgar a produção científica e cultural da Universidade.

Desde março do ano passado, a UFRGS TV passou a dedicar o horário das 21h30min das segundas-feiras a programas de outras televisões universitárias. A iniciativa é fruto do RedeIFES, projeto que compartilha conteúdos de rádio e de TV entre as instituições federais de ensino superior de todo o país.

Durante os Jogos Olímpicos de Pequim, foi produzida a série *Dimensão Olímpica*, realizada em parceria com a Escola de Educação Física, na qual professores e pesquisadores da UFRGS, de outras instituições e do Ministério do Esporte discutem questões como os legados dos megaeventos esportivos, os mitos e heróis olímpicos e as políticas públicas para o esporte.

Em conjunto com o Jornal da Universidade, foi criado o programa *Meu lugar na UFRGS*, que busca destacar espaços dos diversos câmpus que têm um significado diferente para estudantes e funcionários. Em razão do tempo que passam em determinados lugares, das atividades que realizam ou mesmo do descanso e do ócio que esses espaços proporcionam, muitos encontram na Universidade lugares especiais.

A partir de entrevistas realizadas durante o Salão de Iniciação Científica, foi criado o programa *Pesquisa em Pauta*, que abre espaço para os pesquisadores da Universidade falarem de seus trabalhos e projetos. Assuntos como aquecimento global, nanotecnologia e música erudita foram aprofundados nos programas exibidos em 2008.

Em parceria com o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e com o Museu da UFRGS, foram produzidos três programas *Multiponto* sobre 1968, abordando o contexto político, social e cultural do mundo, da América e do Brasil. Em função do caráter didático-pedagógico, os programas foram anexados ao catálogo da exposição Anos Rebeldes, organizada pelo Museu, e distribuídos para centenas de escolas.

Assista aos programas

Em janeiro e fevereiro, a UFRGS TV prepara seus novos bolsistas e dá uma pausa na produção da maior parte de seus programas. Em função disso, são reprisadas as produções exibidas em 2008, sempre às segundas, terças, quartas e sextas-feiras, a partir das 21h30min, pela UNITV, canal 15 da NET POA.



Cultura, política, desenvolvimento

Álvaro Santi *

Em 2008, o Rio Grande do Sul conquistou o mais baixo índice de mortalidade infantil do país: cerca de 13 crianças a cada 1.000 nascimentos. Embora no mundo todo a taxa esteja em queda, cerca de 10 milhões de crianças ainda morrem entre zero e 6 anos. A conquista, pois, é motivo de orgulho para os gaúchos, já que a taxa nacional é mais ou menos o dobro disso. Ao divulgar a boa nova, em novembro passado, um jornal atribuiu ao secretário estadual da Saúde a frase que eu gostaria de tomar como ponto de partida para refletir: “Uma criança bem cuidada dificilmente será um adulto violento”.

A fim de testar sua veracidade aparentemente óbvia, e supondo que o atual índice não tenha sido obtido de uma hora para outra, e sim resultado de esforços de longo prazo, a primeira pergunta que me ocorre é: não deveríamos, em consequência, estar comemorando os mais baixos índices de violência?

Não é, entretanto, o que mostram os dados sobre o crime publicados pelo Ministério da Justiça. Em 2005, o estado do Piauí, por exemplo, ostentava taxa de mortalidade infantil duas vezes maior do que a do RS, mas a incidência de todos os tipos de crimes violentos lá era bem menor do que aqui. O número de ocorrências de “lesões corporais” registrado no RS (proporcionalmente à população total) foi o dobro da média nacional. Também ficamos acima da média em “crimes violentos não-letais”, “crimes violentos contra o patrimônio” e “tentativas de homicídio”.

A realidade não é tão simples, portanto. Claro, é preciso também dar educação à criança, concluirá o leitor atento. Aparentemente óbvio de novo, porém, ao analisarmos o IDEB (Índice do Desenvolvimento da Educação Básica) do Ministério da Educação, verificamos que o desempenho gaúcho é igual ou superior à média nacional.

Mesmo um indicador mais abrangente como o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano, adotado pela ONU, que combina dados de renda, educação e expectativa de vida) não nos ajuda a superar a apa-

rente contradição. Nosso estado ocupava em 2005 a quinta posição no país, acima da média nacional.

Conclui-se, portanto, que, mesmo mantendo o crescimento econômico e investindo fortemente em educação e saúde, estas condições por si só não resultarão na redução da criminalidade, ao menos no RS. Por quê? Não havendo motivos para crer que a nossa polícia seja menos eficiente do que a de outros estados, a única explicação que me ocorre é: por razões culturais. Nosso “jeito gaúcho de ser” é mais agressivo, para o bem e para o mal.

E, se pretendemos mudar esse comportamento cultural, não deveríamos estabelecer políticas públicas para esse fim, atribuindo assim à cultura uma dimensão bem maior da que habitualmente lhe conferimos? E nossos perspicazes governantes, terão percebido isto? Enquanto o leitor pensa, vamos dar uma espiada no mundo lá fora.

Em 2004, pela primeira vez, a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD), realizada no Brasil, abordou as assim chamadas “indústrias criativas”. Com esse termo, que começou a ser difundido na década passada a partir do Reino Unido, procura-se abranger não apenas a chamada “indústria cultural” (basicamente da música, dos livros e filmes), mas qualquer atividade econômica que utilize conhecimento e capital intelectual como insumo, desde o artesanato até a publicidade, passando pela moda e por programas de computador. O documento final do encontro recomendava à comunidade internacional “respaldar os esforços nacionais dos países em desenvolvimento para... fomentar, proteger e promover suas indústrias criativas”.

Mas por que deveríamos nos preocupar com tais “indústrias criativas”? O relatório *Economia Criativa*, resultante da Conferência seguinte, realizada em Gana (África), no ano passado, diz que elas representam “opção estratégica viável para diversificar as economias dos países em vias de desenvolvimento”.

O montante total do comércio exterior de bens e serviços criativos foi estimado pela UNCTAD em US\$ 445



“Indústrias criativas são uma opção estratégica para diversificar a economia”

bilhões (2005), resultante de um crescimento de 47% nos cinco anos anteriores. Nesse período, a exportação dos países da América Latina e Caribe cresceu 28%, alcançando US\$ 8,6 bilhões, sete vezes menos do que arrecadou a China, cujas exportações cresceram 115%, alcançando 18% do mercado global. Por tudo isso, o relatório *Economia Criativa* pretende ser uma ferramenta para auxiliar os governos a identificar “opções políticas inovadoras para otimizar a contribuição econômica das indústrias criativas para a geração de riqueza e para o desenvolvimento inclusivo”.

No Brasil, são ainda escassas as iniciativas visando à reflexão e ao debate público sobre a questão. Dentre elas, duas da maior importância ocor-

reram em solo gaúcho, em 2007, e seguem dando frutos: o primeiro curso de especialização em Economia da Cultura no Brasil, na UFRGS; e a primeira audiência pública sobre economia da cultura, na Assembléia Legislativa. É provável que um longo caminho ainda deva ser percorrido até que seus resultados chamem a atenção de nossos governantes.

Enquanto isso não acontece, vale a pena refletir sobre o modelo de desenvolvimento que temos seguido no estado, que tem como fatos marcantes dos últimos anos a instalação da General Motors e a chegada das papeleiras plantadoras de “florestas”. Grosseiramente desenhada, nossa estratégia para assegurar o desenvolvimento futuro tem sido jogar quase todas as fichas na produção de automóveis e na plantação de florestas de pinus e eucaliptos. Atividades de alta tecnologia, não poluentes, com grande potencial de geração de renda e emprego, certo? Errado de novo.

Estudos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) colocam a indústria de “automóveis, caminhões e ônibus” entre as que *menos* geram empregos – em 35º lugar (num total de

42 setores). O setor “celulose, papel e gráficas” fica em 20º. Em primeiro lugar está o conjunto de “serviços prestados à família”, que inclui serviços de saúde, educação e lazer; portanto... cultura! A primeira pesquisa sobre economia da cultura realizada no Brasil em 1998, pela Fundação João Pinheiro, constatou que a atividade cultural gerava 160 postos de trabalho a cada R\$ 1 milhão investido, índice 53% superior ao da indústria automobilística.

Em 2008, a política cultural do RS parece ter chegado ao fundo do poço, tendo frequentado até as páginas policiais. Como consequência positiva, governo e sociedade foram chamados a debater, e mudanças são aguardadas para o ano que inicia. Oxalá os novos ventos consigam varrer os paradigmas de desenvolvimento do século XIX, ainda dominantes na mente da maioria de nossos governantes, para que eles possam imaginar – e criar! – um Rio Grande do Sul criativo para o século XXI.

* Graduado em Música e mestre em Letras pela UFRGS, titular do Conselho Nacional de Política Cultural e gerente do Fumproarte

Matemática: a vilã do vestibular

Daltro José Nunes *

Helena Noronha Cury **

Concluído mais um vestibular em que os candidatos temeram a prova de Matemática. Não sem razão, acham-na difícil, não compreendem quando o professor explica, não conseguem fazer os exercícios, nem entender o livro.

Aprendemos a falar pelo contato com outros seres humanos que utilizam a mesma língua. Alfabetizados, aprendemos a escrever o que falamos. Mais tarde, descobrimos como escrever corretamente, conhecendo as regras da gramática. A Matemática é uma linguagem formal, portanto tem sua própria gramática. Como não é uma língua falada, “pulamos” as etapas um e dois do aprendizado da língua mãe; deveríamos, então, começar o aprendizado da Matemática pela sua gramática. Mas isso é possível?

Todas as crianças, independentemente da cultura em que vivem, aprendem a manusear objetos, classificando-os e ordenando-os segundo algum critério. Começamos a aprender Matemática de forma intuitiva. Na escola, aprendemos que, se temos uma cesta com 3 laranjas e outra com 5, e transferirmos o conteúdo das duas para uma terceira cesta, teremos 8 laranjas. Até aí, tudo bem, mas as coisas ficam com-

plicadas quando “descolam” do mundo real e ingressam no mundo da abstração. Por exemplo, se x e y representam, respectivamente, quantidades de laranjas existentes em duas cestas, $x + y = y + x$. Mas isso não depende dos objetos que estão nas cestas, que poderiam ser maçãs, peras, bolas vermelhas, bolas brancas, etc. Nesse momento, o aluno já não entende mais nada. Ora, trata-se de uma regra simples (a propriedade comutativa da adição). De onde vem a complicação?

Uma das hipóteses é que, diferentemente da Física, da Química ou da Biologia, os objetos matemáticos não são acessíveis por meio de instrumentos, como termômetros e microscópios. Os entes matemáticos são abstrações, e o acesso a eles se dá necessariamente por representações simbólicas.

A complicação do aluno que não compreende a propriedade comutativa da adição vem do fato de que ele desconhece a regra, ou seja, não sabe a gramática. Ele vai tentar associar a regra às suas laranjas, mas ela independe do mundo real. Muitos aprendem a gramática pelo caminho mais difícil: lendo e interpretando “textos” nos livros de Matemática da

educação básica. E as conexões com o mundo real? Eis aí uma das razões pelas quais a Matemática parece difícil: é como se lêssemos livros e mais livros e, ao final, soubéssemos a gramática da língua portuguesa. Mas, e o conteúdo do que foi lido?

A grande vantagem do conhecimento dessa gramática está na capacidade de escrever textos matemáticos, descrevendo o comportamento de alguma entidade do mundo real (espaço, tempo, autômatos, métodos, processos, resistência dos materiais, etc.). Mas por que não usar uma língua natural? Porque seu uso tem muitas desvantagens: em primeiro lugar, o texto é ambíguo, necessitando de novos textos para retirar as ambiguidades que, por sua vez, introduzem outras, num processo interminável.

Como escrever regras, afinal? Como aprender essa linguagem tão fundamental para os que vão cursar ciências exatas ou que enfrentam uma prova de vestibular? Nas últimas décadas, as habilidades de trabalhar com a gramática da Matemática não foram suficientemente desenvolvidas no ensino dessa disciplina, talvez porque, equivocadamente, tenhamos entendido que as propostas de contextualização do ensi-

no significavam o abandono de regras que os alunos apenas decoravam. Talvez tenhamos de rever certas práticas atuais de sala de aula, retomando o ensino da gramática da Matemática paralelamente às aplicações dessa ciência. Afinal, é necessário que nossos alunos adquiram habilidades que lhes permitam seguir as aulas de disciplinas variadas, que pressupõem um domínio já adquirido dessa língua. Os grandes cientistas que desenvolveram a ciência que hoje usamos e ensinamos a conhecer profundamente. Einstein, que era físico, escrevia Matemática sem erros!

Está na pasta de Arne Duncan, secretário de Educação de Barak Obama, a recomendação de fazer do ensino de Ciências e de Matemática uma prioridade nacional e da Ciência da Computação uma parte crítica do sistema norte-americano de educação. O desenvolvimento dessas áreas tem reflexos imediatos no desenvolvimento tecnológico, com a geração de riquezas e de empregos, fortalecendo a economia do país.

* Doutor em Computação - daltro@inf.ufrgs.br

** Doutora em Educação - curyh@via-rs.net

Diversão nas férias

Fugindo do calor
Colônias de Tramandaí e Capão Novo são opções de lazer no litoral

Engana-se quem pensa que os limites da Universidade terminam no Câmpus do Vale. E erra mais ainda quem acha que ela não oferece lazer ao seu público. Ao contrário, a instituição proporciona a funcionários, estudantes e docentes, e seus familiares, a possibilidade de veraneio em duas colônias de férias localizadas no litoral, mais precisamente em Tramandaí e Capão Novo.

Durante os meses de janeiro e fevereiro, na alta temporada, o uso é exclusivo das pessoas ligadas à UFRGS e seus dependentes. As inscrições para a utilização da Colônia de Férias de Tramandaí e do Centro de Lazer de Capão Novo são feitas a partir de um edital que a Secretaria de Assuntos Estudantis (SAE) lança anualmente em outubro. Nele, constam as possíveis datas para a ocupação, as principais informações sobre as Colônias e os documentos que devem ser apresentados para a efetivação das inscrições. Instituições externas à comunidade universitária poderão utilizar as instalações nos demais meses do ano, desde que previamente autorizadas pela Secretaria. A escolha dos veranistas é democrática: o Centro de Processamento de Dados (CPD) organiza um sorteio eletrônico, que tem o acompanhamento da Auditoria Interna da Universidade.

Tramandaí – A Colônia de Férias de Tramandaí da UFRGS situa-se a poucos metros da praia, da areia e do mar. A maioria das pessoas costuma acordar tarde, almoçar e então passear na orla, a fim de aproveitar o que o verão e a praia podem oferecer de melhor. Grande parte dos hóspedes são servidores ou alunos da Universidade, que se dividem nos quatro diferentes tipos de alojamento da Colônia. São eles: os apartamentos com um dormitório, que podem acomodar até quatro pessoas; os de dois dormitórios, que recebem até sete pessoas; e as alas feminina e masculina, que comportam até nove veranistas em cada quarto. Entre as opções de lazer, jogos nas quadras de futebol e vôlei, cancha de bocha, piscina e passatempos de mesa, tais como pingue-pongue e sinuca. O diretor das duas Colônias, Paulo Gaspar, lembra que, no



O professor Eduardo Schneider elogia a conservação dos equipamentos de lazer

período do veraneio, as vagas para a temporada são muito disputadas, mas a partir de março o movimento vai reduzindo. “Em abril já começam a vir o pessoal da terceira idade, alunos de escolas do interior e estudantes da própria universidade que vão fazer trabalho de campo”, explica. Segundo o zelador Edison Bica, a Colônia pode acomodar até 304 pessoas.

A estudante Rita Brito confirma que, durante o Carnaval, as coisas são mais agitadas: “A primeira vez em que saí à noite foi aqui, na época de festas. Minha mãe me buscou pelos cabelos”, conta aos risos. A estudante de Biologia Marinha do Ceclimar diz que veraneia na Colônia há mais de 10 anos e tem “muita história para contar”. Rita agora mora e trabalha na hospedaria; sua função é cuidar e entreter as crianças. No final de fevereiro, ela voltará a dividir o apartamento com uma colega de curso para acompanhar as aulas. Nos apartamentos de dois dormitórios, localizados no segundo andar da Colônia, o professor substituto da Engenharia Mecânica Eduardo Schneider quer distância da sala de aula. De férias, ele veio com a namorada e a família, e diz que há quatro anos se hospeda na Colônia. Eduardo acha que a hospedaria está bem melhor, “agora com

as novas reformas, os armários restaurados e a piscina mais cuidada as coisas estão bem em conta”. Uma das novidades que chamou sua atenção foi o frigobar, instalado nesse veraneio. A opção permite ao veranista armazenar alimentos e bebidas no

Em Capão Novo as pessoas se interessam mais pela calma; em Tramandaí, pelas possíveis festas

próprio apartamento. “Nosso diretor fez uma força para conseguir trazer para a Colônia esse novo eletrodoméstico”, esclarece Edison.

Confraternizações acontecem regularmente. Conforme o zelador, “o pessoal faz algumas festinhas, mas não até tão tarde, porque alguns veranistas não gostam, é preciso ter jogo de cintura”. Mas, no final, as coisas acabam dando certo, “nunca tivemos

problema algum, o pessoal se respeita”, diz Edison.

Acompanhado da esposa, Estor Silva, do Setor de Transporte da Universidade, é só elogios à Colônia: “As coisas só melhoraram de alguns anos para cá; aqui é o nosso céu”. Para ele, só o que falta é um elevador: “subir escadas cansa demais”, diz em meio aos risos da companheira. Já Rejane Seidler, esposa de um servidor, lembra que a Colônia parecia mais animada em outros anos e credita isso à falta do restaurante. Segundo o vice-secretário da SAE, Alberto Cosso, foi lançada no final de dezembro uma licitação para o restaurante da Colônia de Tramandaí, mas ninguém se interessou. Alberto informa que, em fevereiro, uma nova tentativa será feita. Rejane, que veio com o seu filho de 19 anos, elogia a limpeza: “é uma das maiores qualidades da atual administração”, segundo ela. A zeladoria conta com 16 funcionários atendendo a quatro diferentes setores. Na baixa estação, esse número cai para cerca de seis pessoas. “O serviço diminui e não é possível, nem necessário, manter tanta gente trabalhando”, explica o gerente.

Capão Novo – O Centro de Lazer de Capão Novo da UFRGS está localizado a cerca de um quilômetro da praia, distância considerável para quem não gosta de uma caminhada. Entretanto, nem mesmo a distância desanima os veranistas. “A praia é meio longinha, a gente foi a pé pela manhã, dá uns dez minutos, mas eu estava com as crianças, talvez por isso tenha demorado mais”, conta Tatiane Oliveira, funcionária da FAURGS. Ela veio com os filhos e diz que o lugar é ótimo para os pequenos, pois é todo fechado, “a gente não precisa se preocupar em ficar correndo atrás deles”. De fato, o grande número de crianças chama a atenção de quem chega à Colônia de Capão Novo. Espalhadas pela grama bem cuidada, elas brincam no parquinho, correm pelo pátio e entram na piscina.

Na opinião do zelador Amarildo Lima, quem gosta de agito “deve ir para Tramandaí, aqui é mais leve”. O diretor Paulo Gaspar lembra das principais diferenças entre as Colônias: “A de Capão comporta em torno de 100 hóspedes, já a de Tramandaí pode receber cerca de 300 pessoas”. O perfil do veranista também é diferencia-

do: em Capão as pessoas se interessam mais pela calma; em Tramandaí, pelas possíveis festas.

Amarildo explica que a Colônia é composta de 14 sobrados – cada um de dois andares, equipados com cozinha, banheiro, churrasqueira individual – que podem acomodar até seis pessoas. A funcionária aposentada da UFRGS Carmosina Mattos, que veio com a família, é natural de São Joaquim, serra de Santa Carina, e diz que a qualidade da Colônia de Capão Novo melhora a cada ano, “tudo bem pintado, nenhum problema de manutenção e os ventiladores funcionando bem”. Ela só reclama do tempo nublado: “A gente saiu de casa para dormir”, diz com bom humor. Sua netinha Manuela, de quatro anos, estava quieta no sofá, só esperando a possibilidade de poder estrear seus novos brinquedos no mar. Impaciente, ela acompanhava as nuvens cinzentas com a cara emburrada de criança afoita, enquanto Henrique e David, dois primos pequenos, brincavam de pega-pega.

Um vendedor de doce passa e oferece vários quindins. Amarildo fala: “aqui é assim mesmo, uma tranquilidade, às vezes a gente não vê os dias passarem”, e segura a sua filha Nicole de quatro anos no colo. Ela também queria um doce. O casal Iara e Lindomar Machado não comprou nenhum, mas estavam tomando café e assistindo a um filme, quando comentaram que já estiveram várias vezes na Colônia de Tramandaí. Atualmente, eles preferem a de Capão Novo: “Queremos descanso, agora que estamos mais velhos, queremos relaxar”, diz Iara, que trabalha na Faculdade de Ciências Econômicas. Carlos Dias, funcionário do setor de informática da Faculdade de Agronomia, acha que o lugar é ótimo: “De noite os pais se reúnem para jogar vôlei, conversar ou ver televisão. É divertido”, diz. Seu filho, Gabriel, estava realmente entusiasmado: “Tem muita coisa para se fazer: jogar, se divertir, conhecer pessoas novas. Eu já fiz vários amigos aqui. Na realidade, estou jogando uma sinuca ali e já preciso ir”, fala escapando. Vai lá, Gabriel. Bom jogo!

Rafael Gloria, estudante do 4º semestre de Jornalismo da Fabico



Sede de Tramandaí situa-se a pouca distância do mar



Conhecimento e diversidade por baixo custo

Entretenimento
Locadoras criadas por ex-alunos têm ótimo acervo

Localizadas nos espaços da Universidade, elas têm um acervo diferenciado em relação às locadoras convencionais e constituem uma fonte barata de entretenimento e conhecimento, além de complementar a formação acadêmica. Criadas a partir de uma ideia desprezível que se expandiu pelos câmpus da UFRGS, hoje elas são três, distribuídas no Vale, no Centro e na Saúde, oferecendo cerca de 6.500 filmes para locação.

Início difícil - Tudo começou há 11 anos, quando jovens estudantes apaixonados por cinema tiveram a ideia de abrir uma videoteca com filmes clássicos e baixos preços de locação. Era para ser algo pequeno, apenas para o diretório acadêmico. Aos poucos, no entanto, a atividade foi crescendo e acabou dando outro rumo à vida de Filipe Petrusch e Hélio Cardoso França.

Eles se conheceram no curso de História, em 1995. Ambos eram bolsistas da biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e compartilhavam o mesmo interesse pelo cinema. Como bolsistas, conseguiram uma salinha emprestada do Instituto, onde puderam abrir uma tímida videoteca com apenas 10 fitas VHS, frequentada pelos amigos e colegas de curso.

Do grupo de estudantes original, Filipe e Hélio foram os únicos que persistiram, dando forma ao projeto. “O início foi complicado e monótono. A gente começou com poucas fitas e fazia umas duas locações por dia. Isso por uns dois anos”, conta Filipe. No segundo ano de existência da videoteca, Filipe decidiu investir do próprio bolso, garimpando produções nos “balaios” das distribuidoras do Centro de Porto Alegre, nas quais era possível encontrar clássicos a preços baixos. O investimento acelerou o crescimento do negócio.

À procura de espaço - Por ser uma atividade comercial, a locadora acabou perdendo a sala cedida pelo IFCH. Durante alguns meses sem ter onde se fixar, o projeto correu o risco de terminar. Mas, por se tratar de algo muito popular e querido pelos estudantes, a coordenação do DCE da época cedeu um local dentro do Centro de Vivência do Câmpus do Vale. Ali a videoteca manteve-se por cerca de três



Na locadora do Câmpus do Vale é grande a procura por clássicos e documentários

CADINHO ANDRADE/JU

anos. “Foi uma fase de ouro, tinha um movimento muito grande lá, de fazer fila”, diz Hélio.

A prosperidade momentânea teve fim quando uma nova coordenação assumiu o DCE e reivindicou o Centro de Vivência como um espaço exclusivo dos estudantes. “Fomos trabalhar em uma segunda-feira de manhã e estava tudo fechado. Eu e o Hélio tivemos que ficar do lado de fora recebendo os filmes que haviam sido locados. Não queriam deixar a gente entrar nem pra retirar o resto do material”, lembra Filipe.

Do Centro de Vivência, os filmes partiram para uma pequena sala próxima à sede do DCE do Câmpus do Vale, onde continuam até hoje, com um acervo de aproximadamente cinco mil filmes preenchendo três prateleiras.

Além da falta de um lugar fixo e adequado, outros problemas comprometeram o desenvolvimento da locadora. Pequenos furtos aconteciam com certa frequência (e acontecem até hoje), mas eram casos isolados de pessoas que locavam os filmes e desapareciam. Ainda no Centro de Vivência, quando se iniciou a compra de lançamentos no formato DVD, o acervo sofreu uma grande perda: o local foi arrombado e teve cerca de 80 títulos roubados, o que reduziu a coleção à metade. Na nova sede, a videoteca foi mais uma vez invadida, perdendo quase 100 obras. Mas isso não freou o crescimento do

projeto: “Fomos movidos pela paixão pelo cinema, pela cultura”, recorda Hélio.

Expansão - Após algum tempo trabalhando no Câmpus do Vale, Hélio Cardoso, juntamente com um amigo, abriu uma nova locadora na sede do DCE do Centro, localizada na Avenida João Pessoa, junto ao Restaurante Universitário. O espaço foi liberado, e

Lojas situadas nos câmpus do Vale, Centro e da Saúde oferecem cerca de 6.500 filmes para locação

alguns filmes da loja do Câmpus do Vale foram emprestados para formar o acervo. A mudança da tranquilidade do Vale para a agitação do Centro foi impactante para Hélio: “Quando vim pra cá, foi um choque. Cheguei aqui com esse trânsito, uma barulheira o dia inteiro, uma poluição”.

O ambiente interno da locadora do Centro lembra o de um diretório acadêmico: ao lado do balcão e das estantes com os filmes, dois sofás cir-

cundam um tabuleiro de xadrez colocado sobre uma pequena mesa, onde os estudantes passam o tempo jogando. Uma televisão e um toca-discos de vinil completam a decoração. “Aqui é um lugar que a galera gosta de frequentar. É um ambiente legal, sempre tem alguém assistindo a um filme, jogando xadrez, escutando um som, conversando”, diz ele.

Do curso de História, que frequentou por quatro anos, Hélio foi para a Filosofia e, faltando um semestre para se graduar, esgotou-se o tempo que tinha para se formar e acabou sendo jubilado. “Eu vivi tanto na videoteca nesses anos que deixei o curso meio de lado. Acho que passei mais tempo dentro dos diretórios e da videoteca do que das salas de aula. Não sei mais trabalhar em outra coisa. Fazer o que se gosta é muito bom”, conclui. O acervo começou com pouco mais de 100 filmes e hoje conta com cerca de 950.

Câmpus Saúde - Mas a expansão das locadoras não parou no Centro. No início do segundo semestre de 2008, Jade Rodrigues, estudante do sétimo semestre do curso de Letras da UFRGS, e seu namorado, Diego Machioli, formado em Filosofia, abriram outra loja na sede do DCE do Câmpus Saúde, também junto do Restaurante Universitário. “Eu e o Diego morávamos com o Hélio (da videoteca do Centro) e tivemos a ideia de abrir uma nova videoteca. Come-

çamos a comprar os filmes nas férias de julho e inauguramos o espaço com 120 DVDs. Agora já estamos com 640 títulos”, conta Jade. As aquisições de filmes são feitas tanto pela Internet quanto em promoções de usados das distribuidoras.

Assim como na locadora do Centro, a atmosfera informal do ambiente adapta-se ao clima do diretório acadêmico. O espaço é preenchido pelo serviço de fotocópias do Diretório, por uma mesa de sinuca sempre disputada pelos estudantes, um sofá e as estantes com os filmes. As filas que se formam diariamente durante as refeições do RU acabam sendo a grande vantagem do lugar, trazendo o movimento para dentro da videoteca.

Mesmo durante as férias, a frequência nas locadoras não para. Em janeiro e fevereiro elas continuarão funcionando, mas em horários diferentes dos normais: a do Câmpus do Vale estará aberta de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h; a do Centro, das 10h às 19h; e na da Saúde, o expediente começa às 11h40min e vai até às 18h. Para realizar o cadastro e usufruir do acervo, é preciso apresentar o cartão de identificação da Universidade, carteira de identidade e um comprovante residencial.

Os preços de locação variam de R\$ 1,20 a R\$ 2,00, sendo que, no período de férias, qualquer quantidade de filmes tem prazo para devolução de uma semana.

Seleção de filmes ao gosto do freguês

Apesar de independentes, as três locadoras têm a mesma proposta: disponibilizar filmes que possam servir de suporte acadêmico a alunos e professores. “A ideia é ter produções voltadas para a Universidade, documentários e clássicos que não são encontrados em outros lugares, com um preço acessível aos estudantes. Também tentamos dar esse suporte aos professores, pois eles, cada vez mais, usam filmes em aula. Por isso, sempre tentamos conseguir os títulos de que eles precisam. E isso traz um bom retorno de público”, diz Filipe Petrusch, ex-aluno dos cursos de

História e Filosofia e um dos proprietários da locadora do Câmpus do Vale.

Ele revela que, mesmo sem divulgação externa, a proposta do acervo ficou conhecida fora dos limites da UFRGS. “Certa vez, quando comprava filmes em uma das distribuidoras do centro de Porto Alegre, ouvi os proprietários recomendando nossa loja para um pessoal que buscava títulos difíceis de encontrar”.

Além dos professores, os estudantes, principalmente das Ciências Humanas, encontram no acervo uma forma de complementar a sua

formação acadêmica e um auxílio na produção dos trabalhos. “Aqui o pessoal está sempre pedindo filmes específicos para realizar os trabalhos da faculdade. Tentamos ouvir as sugestões e comprar os mais procurados”, diz Jade Rodrigues, estudante de Letras e uma das proprietárias da locadora do Câmpus Saúde.

Dono de outra locadora situada na Avenida Protásio Alves, Filipe diferencia claramente os perfis das duas lojas. “A gente sabe exatamente o que comprar, o que dá certo em uma e em outra. Muitos títulos que adquire para a loca-

dora da Protásio e não têm procura, eu sei que lá no Vale vão dar certo pela característica do público. Temos documentários que nunca param na videoteca – coisa que não acontece em locadora alguma”, conta. “O estilo de filme é diferente do de uma locadora convencional. Temos mais clássicos, pois o público exige. Então a gente compra caixas de Woody Allen, Bergman”, completa Jade.

Pedro Cassel, estudante do 4º semestre de Jornalismo da Fabico

UFRGS forma agentes rurais no interior

Ensino a distância Plageder se consolida ao investir em pessoas atuantes na realidade local

Jacira Cabral da Silveira colaborou Pedro Cassel

O tom bronzeado da pele de Rômulo não é do surfe de final de semana, mas da lida no campo nas terras da família. Ele mora com os pais no município de São Francisco de Paula, Região dos Campos de Cima da Serra, de onde não pretende sair. Mas, assim como os irmãos mais velhos, queria estudar e qualificar-se profissionalmente. Em 2007, surgiu a oportunidade de concorrer a uma das 600 vagas do curso especial de graduação tecnológica a distância em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (Plageder), oferecido pela UFRGS em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a prefeitura local.

Entre um chimarrão e outro, Rômulo discute com o professor e os colegas conceitos como mobilidade social e estratificação. Aos poucos, vai entendendo a própria realidade abordada na disciplina *Organização social e movimentos sociais rurais*, ministrada pelo sociólogo Ivaldo Gehlen, um dos 30 docentes que participam da primeira edição do Plageder. Essa é a segunda e última aula presencial da disciplina. Um pouco antes das 19h, horário de início das atividades, Ivaldo prepara, com a tutora a distância Raquel Lunardi, o material a ser usado pelos alunos nas três horas seguintes.

Pelo envolvimento e pela forma apurada com que os alunos respondem às provocações do professor, é difícil imaginar que se trate de uma turma de ensino a distância. Até as 22h, Ivaldo revisa os conceitos estudados nos últimos dois meses de duração da disciplina. Além dos 28 alunos, o tutor presencial César Gomes participa da aula. Todas as terças-feiras ele atende grupos ou alunos individualmente para esclarecimentos sobre o conteúdo da disciplina. Embora tenha experiência em docência superior em diferentes instituições, assim como Ivaldo e a maioria dos professores do Plageder, César é novato no campo do ensino a distância. Mas já aprendeu as peculiaridades dessa modalidade e também sua pertinência social e suas exigências pedagógicas: “O aluno precisa ter disciplina e autonomia!”, resume.

Histórico – Diferente de outros cursos que geram programas de pós-graduação depois de um tempo de maturação, o Plageder teve caminho inverso: nasceu dentro do Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR). Embora ligado à Faculdade de Ciências Econômicas, o programa é multidisciplinar, reunindo professores da Agronomia, Sociologia, Geografia e Enfermagem. Outra particularidade é sua vocação para a produção de trabalhos focados na realidade rural, o que acaba gerando um grande número de pesquisas por conta da inserção dos alunos no campo.

Lovois Miguel é o coordenador do Plageder e participou de todo o processo que antecedeu sua criação. “Percebemos que faltava um profissional lá mesmo no campo para agir em prol do desenvolvimento onde ele ocorre. O chamado agente para o desenvolvimento rural.” Até então, o PGDR supria o mercado dentro de uma perspectiva mais elitista, pois só formava pós-graduados na área.

Essa lacuna ficou mais evidente durante um encontro de capacitação para vereadores e conselheiros municipais em 2001. Excetuando um representante da Emater, os demais não tinham noção de como fazer projetos de desenvolvimento rural. Por isso, os pesquisadores do programa idealizaram um curso de graduação para suprir essa deman-

O MEC já aprovou a segunda edição do programa para 2009 com poucas alterações em termos de oferta

da cada vez maior. “Mas naquela época não existiam recursos”, justifica o coordenador.

A oportunidade surgiria em 2006, por meio de edital lançado pela recém-criada Universidade Aberta do Brasil (UAB) cujo objetivo é apoiar novos cursos de graduação, tecnológicos e de especialização. Entretanto, essa opção resultava em novo desafio: “Só sabíamos dar aula presencial”, explica Lovois. Essa barreira teve de ser transposta, pois o ensino a distância (EaD) aos poucos se revelou condição fundamental para o sucesso do Plageder em função das características de seu foco e do profissional a ser habilitado. “Queríamos formar pessoas que estivessem inseridas naquela realidade para atuarem localmente.”



JACIRA CABRAL DA SILVEIRA/ESPECIAL JU

Perspectivas – O ensino a distância revelou-se vantajoso também para os municípios, uma vez que estes não corriam risco de perder seus cidadãos para as universidades de outras localidades ou mesmo da capital. Hoje, existe a certeza de que a modalidade presencial não permite a inserção e a repercussão social possíveis no formato a distância. O MEC já aprovou a segunda edição do Plageder para o início de 2009, com poucas alterações em termos de oferta: sai o polo de Hulha Negra, pela baixa aceitação, e entram os de Cachoeira do Sul e Três de Maio. Os demais são Arroio dos Ratos, Balneário Pinhal, Constantina, Santo Antônio da Patrulha, São Lourenço do Sul, Três Passos, Camargo, Itaqui, Picada Café e São Francisco de Paula.

De acordo com Lovois, está em negociação com o Ministério a possibilidade de transformar o Plageder no primeiro curso a distância permanente da Universidade. “Talvez esse seja o início de um processo de abertura da Universidade para o interior do Rio Grande do Sul.”

Para o secretário de Educação a Distância da UFRGS, Sérgio Franco, o Plageder é emblemático pelo tipo de formação que promove e também pelo fato de desbancar dois preconceitos: o de que educação a distância não possa ser feita com seriedade e qualidade, e o de que o ensino tecnológico tenha menor valor que o superior. Favorável à transformação do curso em atividade permanente, o secretário diz que a tramitação ainda está no início, mas com perspectivas de dar certo.

Aluno a 700 km

A coordenação do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (Plageder) realizou, em novembro de 2008, na Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, um encontro de avaliação, reunindo coordenadores, tutores presenciais e representação discente dos 12 polos de educação a distância do Plageder. Também participaram da reunião o secretário de Educação a Distância da UFRGS, Sérgio Franco, que apresentou as políticas do setor ao grupo, e o coordenador da Universidade Aberta do Brasil na UFRGS, Luis Alberto Segovia, que falou a respeito das perspectivas do projeto nacional.

Na opinião de Lovois Miguel, coordenador do curso, o Plageder teve como primeiro aspecto positivo o estreito vínculo com o mercado de trabalho, uma vez que, durante o curso, os estudantes entram em contato com diferentes instâncias da administração e do mercado agrícola local para desenvolver seus trabalhos de aula, o que os tornou conhecidos e valorados localmente. O segundo aspecto foi a transformação dos professores quanto a questões pedagógicas, sua forma de preparar os conteúdos e se relacionar com os alunos. Por fim, o curso revelou-se uma oportunidade única de experiência em ensino a distância para os alunos do PGDR, pois ainda não existe habilitação de professores nessa modalidade.

Lovois também destacou deficiências que precisam atenção. Uma delas é a dificuldade de os professores assumirem o ensino a distância, seja por formação ou razões pessoais. Outro problema, de caráter administrativo, é a falta de estrutura para lidar com alunos a 700 km de Porto Alegre. “A UFRGS foi concebida como uma universidade para atuar exclusivamente no ensino presencial, do ponto de vista administrativo e funcional – isso ficou evidente nas exigências burocráticas impróprias com os alunos do Plageder”, avalia Lovois. Por outro lado, Eliane Sanguine e Tânia Cruz, coordenadoras operacional e de sistema, respectivamente, salientam a ótima relação da estrutura em Porto Alegre com os alunos nos polos: “É um Serviço de Orientação Educacional universitário”, brinca Tânia, referindo-se ao acompanhamento do Plageder, que permite “que conheçamos cada um de nossos alunos”.

Uma universidade em polos

Ao criar a Universidade Aberta do Brasil (UAB), o Ministério da Educação pretendeu descentralizar e interiorizar o ensino superior em polos que pudessem cobrir regionalmente as demandas nos diferentes estados. Para que o Plageder fosse possível, a UFRGS firmou acordo com o MEC, através da UAB, e com cada uma das prefeituras dos municípios em que estão instalados 12 dos 36 polos do Ministério existentes no Rio Grande do Sul.

“A gente percebe a seriedade da educação oferecida conforme a estrutura do lugar”, avalia a coordenadora pedagógica do polo de São Francisco de Paula, Sílvia Fátima Saldanha Pereira. Para que um polo entre em funcionamento, há uma série de exigências estruturais e administrativas: secretaria acadêmica, sala de professores e de reuniões, espaço para as videoconferências, salas para as aulas presenciais, laboratório de informática, biblioteca.

Funcionalmente, é necessário um coordenador geral, um secretário, um bibliotecário e técnicos. Cada curso exige ainda outros atores nesse processo bastante particular de ensino a distância: são os tutores presenciais e os a distância. Estes atuam junto às univer-

sidades e aos professores de cada disciplina, aqueles trabalham direto com os estudantes nos polos. São Francisco de Paula é um dos polos com melhor estrutura, pois, além do prédio próprio, inovou com a contratação de uma coordenadora pedagógica – figura que não é prevista nos requisitos do MEC.

Maria Lúcia Teixeira é a coordenadora geral em São Francisco de Paula e participou da primeira reunião de capacitação da UAB, em Brasília, em 2007. “Havia uma expectativa muito grande, porque o projeto estava iniciando e seria uma construção coletiva, como realmente está acontecendo. Com a implantação dos polos, começamos a aprender como realmente é o ensino a distância, porque éramos todos novatos nesse projeto e processo.”

Atualmente, o polo coordenado por Maria Lúcia tem cerca de 300 alunos e oferece, além do Plageder, os cursos de Pedagogia, pela UFPel, e o de Administração, pela UFSC. Na avaliação de César Gomes, tutor presencial do Plageder no mesmo município, para a maioria dos alunos essa é uma oportunidade única de fazer um curso superior.

Especial

CNPq reconhece excelência da Universidade

Financiamento

Institutos de Ciência e Tecnologia da UFRGS receberão 22 milhões de reais em recursos

TEXTO CAROLINE DA SILVA

No final de 2008, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Ministério da Ciência e Tecnologia divulgaram a criação de 101 Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia, por ocasião de um edital de financiamento com recursos que somam 600 milhões de reais. Da Região Sul, foram contemplados 13 projetos, sendo oito no Rio Grande do Sul, e destes, seis vinculados à UFRGS. “Os seis coordenadores são professores da Universidade”, comemora o reitor Carlos Alexandre Netto. Na opinião do dirigente, esse resultado demonstrou a importância da pesquisa de ponta e nos reafirmou entre as grandes instituições do país. “A avaliação dos Institutos foi extremamente rigorosa; os projetos eram muito qualificados. Houve avaliação internacional, tive oportunidade de ler uma delas e devo reconhecer que fiquei bastante satisfeito, porque dizia se tratar de uma proposta de nível internacional, na qual havia visão e articulação de pesquisa, como existe em todos os grandes centros do mundo.”

Aos aprovados no vestibular

“Esta é uma Universidade com grupos de excelência em pesquisa de competitividade internacional”

Aldo Lucion
Pró-reitor de Pós-graduação

Pesquisa – O pró-reitor de Pesquisa, João Schmidt, considera que os Institutos aprovados foram propostos por pesquisadores de ponta, arrojados, e isso representa um dinamismo da pesquisa realizada na UFRGS. “Na realidade, o grande mérito dos nossos laboratoristas foi conseguir aprovar projetos à revelia da Fapergs.” A frase do professor está baseada no fato de a Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul não ter participado do processo. Conforme Schmidt, o receio era de que as iniciativas gaúchas fossem relegadas à segunda opção na análise do CNPq por conta da ausência da Fundação. O pró-reitor analisa que, independentemente disso, a Universidade conquistou um excelente espaço nacional, mostrando a sua força.

O maior valor disponível para uma chamada pública de apoio à pesquisa no Brasil conta com diversas parcerias. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) concederá bolsas, e as Fundações de Amparo à Pesquisa do Amazonas (Fapeam), do Pará (Fapes-

pa), de São Paulo (Fapesp), de Minas Gerais (Fapemig), do Rio de Janeiro (Faperj) e de Santa Catarina (Fapesc), o Ministério da Saúde e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) devem aportar novos recursos. A Petrobras também manifestou interesse em aderir ao programa. O financiamento será de até cinco anos, dependendo do desempenho nos primeiros três.

Pós-graduação – Os Institutos são virtuais e estão amparados no princípio da pesquisa em rede. “Todos esses projetos foram construídos em articulação entre diferentes laboratórios da Universidade e com grupos de pesquisa de outras instituições, sempre baseados em parcerias – o que dá uma medida da maturidade dos nossos pesquisadores.” O professor Carlos Alexandre lembra que esse desempenho só foi possível pela qualidade da pós-graduação, pois a pesquisa é apoiada na estrutura desses programas: os professores orientadores, seus alunos de doutorado, de mestrado e de iniciação científica.

Os maiores e mais diretamente beneficiados por esses Institutos serão os estudantes, tanto de pós-graduação quanto de graduação. Para o pró-reitor de Pós-graduação, professor Aldo Lucion, os mestrandos, doutorandos e alunos de iniciação científica são coparticipantes desses grandes projetos: “Elementos essenciais para a execução dos trabalhos”. Lucion defende que mesmo aqueles que não exercem a pesquisa são beneficiados pelo ensino qualificado transmitido por um professor que produz ciência de alto nível. “O ambiente da instituição também é de excelência.”

HCPA – Das propostas contempladas na Universidade, um projeto é da área de Ciências da Terra (INCT da Criosfera); outro, da área básica de Saúde (Excitotoxicidade e Neuroproteção); e os quatro últimos grupos são realizados em parceria entre a Universidade e o Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Empresa pública de direito privado, o HCPA é o hospital-escola da UFRGS. Carlos Alexandre Netto assegura que o Clínicas é fundamental para a formação dos cursos na área da Saúde. “E na pesquisa ele tem assumido cada vez mais um protagonismo. Certamente, o sucesso da Universidade nesse edital é resultado dessa interação.” O reitor conclui que essa é uma pauta para sua gestão: estreitar o relacionamento com o HCPA na área da pesquisa.

Referência – “Não houve surpresa nesse resultado.” A afirmação é do reitor, justificada com a explicação de que todos os coordenadores dos INCTs vêm trabalhando há muitos anos à frente de grupos de pesquisa em linhas de trabalho que são referência nacional e internacional nas suas áreas. Na visão de Carlos Alexandre, a aprovação simplesmente materializa esse reconhecimento: “Não tem franco atirador aqui”.



Juliana Giacomazzi, doutoranda em Ciências Médicas, extraindo DNA do sangue

FOTOS FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

INCT da Criosfera

Coordenador: Jefferson Cardia Simões
Recursos: 4 milhões e 900 mil reais
Sede: Câmpus do Vale UFRGS
Setores da UFRGS envolvidos: Programas de Pós-graduação em Geografia e em Geociências
Parcerias externas: Grupo de Pesquisas sobre o Oceano Austral e o Gelo Marinho do Instituto de Oceanografia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Centro de Estudos de Interações Oceano-Atmosfera-Criosfera do Centro Regional Sul de Pesquisas Espaciais do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) de Santa Maria (RS); Laboratório de Oceanografia, Clima e Criosfera do Instituto de Oceanografia da Universidade de São Paulo (USP); Centro de Biogeoquímica Polar e Subtropical da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ);



EXPEDIÇÃO DESERTO DE CRISTAL

Laboratório de Geofísica de Geleiras do Observatório Nacional (ON) do Rio de Janeiro; Centro TERRANTAR: Permafrost-Criossolos-Ecosistemas Terrestres e mudanças climáticas na Antártica da Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Minas Gerais. E ainda 19 instituições internacionais de pesquisa.
Ao que se dedica: pesquisa da massa de neve e gelo da Terra. Será montado, no Centro Polar e Climático (CPC) em implementação no Instituto de Geociências e sede do INCT, um laboratório nacional para análise e interpretação de testemunhos de sondagem de gelo e do centro nacional de monitoramento da criosfera – principalmente para avaliar o impacto do derretimento de parte do gelo para o nível médio dos mares. Investiga como os 50 milhões de quilômetros quadrados da Antártica (os 36 milhões de quilômetros do Oceano Austral mais os quase 14 milhões do continente propriamente dito) atuam no clima do Brasil.
Palavra do coordenador: “Em relação à Antártica, o grupo vai ser responsável:
- pela pesquisa no interior do continente, porque 99,7% da Antártica é coberta por gelo;
- pela pesquisa do mar congelado ao redor da Antártica, que oscila entre 1,6 a 20 milhões de quilômetros quadrados de inverno a verão, e a relação do clima com essa variação;
- pelo *permafrost* – solo permanentemente congelado –, encontrado principalmente no Hemisfério Norte, mas que também ocorre na Antártica”.

INCT para Excitotoxicidade e Neuroproteção

Coordenador: Diogo Onofre Gomes de Souza
Vice-coordenador: Carlos Alberto Saraiva Gonçalves
Recursos: 1 milhão e 900 mil reais
Sede: Bioquímica UFRGS (Câmpus da Saúde)
Setores da UFRGS envolvidos: PPGs em Bioquímica e Neurociências
Parcerias externas: HCPA, PPG em Bioquímica Toxicológica da UFSM, Universidade de São Paulo – Câmpus Ribeirão Preto, UFSC, PUCRS, UFRJ, UCPEL, UFPEL, FURG, Unipampa (Câmpus São Gabriel), Universidade Federal Cearense (UFC - Câmpus do Crato).
Ao que se dedica: a proteger as células nervosas da excitotoxicidade glutamatérgica. No cérebro, os neurônios comunicam-se por sinapses, por meio de contatos químicos. O neurotransmissor liberado para esse contato é uma substância chamada glutamato, que é excitatório. Quando ele está em grande quantidade na fenda daquela comunicação, passa a ser uma toxina. Várias doenças, tanto em jovens quanto em idosos, estão baseadas em excitotoxicidade: as epilepsias na infância, o

traumatismo cranioencefálico do adulto jovem, a isquemia cerebral e as doenças degenerativas (males de Alzheimer e Parkinson) no idoso. O objetivo é descobrir drogas e estratégias de como neuroproteger – evitar o excesso de glutamato na fenda. O projeto também envolve educação e saúde.
Palavra do vice-coordenador: “Acho fundamental o jovem entender o que é o traumatismo, quais são suas sequelas. São problemas às vezes simples de solucionar, mas, se não fizerem parte da cultura, não resolvem. A nossa cultura diz que o carro tem que andar a 200 km/h, porém há uma quantidade enorme de jovens debilitados para o resto da vida por um acidente automobilístico. Por quê? A nossa mecânica está a 200 km/h e a nossa medicina a 10 km/h. Queremos prepará-los para o contato com essas doenças e para uma qualidade de vida melhor. E também a se motivarem para a Ciência como entendimento dos fatos. O ensino de ciências é muito informativo, (a Capes identifica isso): não motiva o jovem a perguntar por quê. Ele precisa ser formativo”.

O investimento, além de fomentar a pesquisa, impulsiona a formação de recursos humanos

INCT de Genética Médica Populacional

Coordenador: Roberto Giugliani

Recursos: 4 milhões e 800 mil reais

Sede: HCPA

Setores da UFRGS

envolvidos: PPGs em Genética e Biologia Molecular, em Medicina – Ciências Médicas, em Medicina – Pediatria, em Ciências Biológicas – Bioquímica, e o Departamento de Bioquímica e Genética.

Parcerias externas: UFRGS, Fiocruz, USP, UFRJ e UFPA.

Colaboração internacional com Suíça, Portugal, Estados Unidos, etc., além de uma comunidade da Patagônia que apresenta grande quantidade de casos de fenda labial em sua população.

Ao que se dedica: investigar como as doenças de influência genética distribuem-se nas populações. Um exemplo é a alta incidência de gêmeos no município de Cândido Godói, localizado no Noroeste do estado (projeto a ser desenvolvido em parceria com a Unipampa). Não se sabe o motivo, se é pelo fator genético ou ambiental, ou por uma combinação entre eles. Os pesquisadores acreditam que, ao entender-se por que alguns casais produzem preferencialmente

gêmeos, poderão ser compreendidas também as rotas que levam à (in) fertilidade. Outro caso é o da Gangliosidose GM1, uma doença degenerativa rara, mas que no Rio Grande do Sul, por razões desconhecidas, tem uma frequência (1 caso entre 17 mil) bem maior que em outros locais. Ela causa defeito no gene que produz uma enzima responsável pelo metabolismo de determinada molécula. Sua acumulação leva à morte antes dos dois anos de idade.

Palavra do coordenador: “A Genética Médica Populacional é uma ciência emergente em termos globais, que tem como objeto o estudo genético de populações em vez de famílias. Fica na interface entre a genética médica e a genética de populações. Inúmeros exemplos no Brasil e em outros países mostram que algumas doenças se concentram em determinadas populações devido à combinação de genes. Entender por que isso ocorre pode ajudar a preveni-las ou a encontrar a cura. Em última análise, identificar o mecanismo pelo qual esses genes predisõem à doença pode evitar enfermidades e fazer com que as populações sejam mais saudáveis”.

Na área da Medicina, a fase de bancada é a primeira etapa do processo de pesquisa



INCT para Avaliação de Tecnologias em Saúde (IATES)

Coordenador: Flavio Danni Fuchs

Recursos: milhões, 213 mil e 752 reais

Sede: HCPA

Setores da UFRGS

envolvidos: PPGs em Epidemiologia, em Cardiologia e em Economia; Faculdades de Farmácia, de Economia; e Instituto de Matemática.

Parcerias externas: UFMG, UF do Estado de São Paulo, UFPE, UFG, UnB, Universidade de São Paulo, UERRJ e Hospital do Coração – HCOR.

Internacionais: Universidade de Scheffield, Health Economics (Inglaterra); Harvard School of Medicine and Public Health (Massachusetts/EUA); Loyola University Health System and Loyola University Medical Center (Chicago/EUA); London School of Hygiene and Tropical Medicine, Health Service Research Unit (Inglaterra); e Organização Pan-americana de Saúde e Center of Disease Controle (Genebra/Suíça). Acordos inéditos com a Corregedoria Geral da Justiça e Grupo RBS para atender a demandas institucionais da população.

Ao que se dedica: estudo da eficácia das intervenções em saúde, cálculos de custos e projetos para municiar o governo e a medicina complementar com a melhor informação para a aplicação das tecnologias em saúde. Os projetos já em andamento são o estudo de causas/ação e de tratamentos de diabetes e hipertensão. Outra área já em andamento é a avaliação dos tratamentos de pacientes com AIDS e hepatite C – sobre quais seriam as melhores abordagens terapêuticas. Também há a pesquisa de novas vacinas para prevenção de doenças infecciosas da infância e avaliação de seus riscos.

Palavra do coordenador: “As pessoas pensam que tecnologia é o equipamento, desenvolver uma máquina. Não, tecnologia é isso também, oferecer tratamento, pode ser um comprimido muito simples, barato... Esse Instituto concorreu nesse edital com uma proposta de avaliação de tecnologias de saúde, usando diferentes instrumentos: desde produção de pesquisas originais – novas pesquisas para responder a questões de eficácia – e avaliar também a literatura médica já produzida. As informações disponíveis são muito volumosas em alguns casos e precisam de uma competência específica para fazer a análise desse material e ver se dali se extrai já uma resposta. A principal preocupação do grupo é responder às demandas da sociedade na área da saúde. A ideia é que não seja um projeto de pesquisa que se encerre em si mesmo. É um embrião de um instituto de avaliação de tecnologia em saúde para todo o sempre no Brasil”.

INCT Translacional em Medicina

Coordenador: Flavio Kapczinski

Recursos: 4 milhões e 670 mil reais

Sede: HCPA

Parcerias externas: USP – Ribeirão Preto, PUCRS, UFRJ e Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Integram o Instituto as empresas de tecnologia FK Biotecnologia (que esteve instalada na Incubadora Tecnológica CIENTEC) e a NeuroAssay.

PPGs da UFRGS envolvidos: Psiquiatria, Clínica Médica, Biotecnologia e Bioquímica.

Ao que se dedica: sair da “torre de marfim” da pesquisa acadêmica e buscar aplicações práticas. No caso da Medicina Translacional, procura-se partir da pesquisa básica (quando se faz um achado importante na ciência) para uma aplicação médica, seja na forma de um diagnóstico ou de um tratamento. O dicionário define translacional como algo que é retirado de um contexto para ser aplicado em outro. Quando é identificado, por exemplo, um novo tratamento para a doença bipolar por meio de um estudo feito com animais, está sendo feita a chamada pesquisa translacional, que sai do modelo animal (ciência básica) para encontrar uma aplicação. São dois os tipos

dessa pesquisa: laboratorial e populacional. Entre elas, está a pesquisa clínica. Na intersecção da laboratorial com a clínica, existe a aplicação de achados da pesquisa básica em estudos clínicos com pacientes. Na interface da clínica com a populacional, esses estudos são aplicados para alterar práticas da saúde na comunidade. O instituto atuará na manifestação de doenças nas áreas da psiquiatria, neurologia, reumatologia e oncologia.

Palavra do coordenador: “O Brasil produz cerca de 2% do conhecimento gerado no mundo todo. Responde mais ou menos à participação mundial do PIB brasileiro. Entretanto, o país deposita apenas 0,2% das patentes em âmbito mundial. Há uma defasagem da ordem de dez vezes. Acharmos que essa é uma área em que se deveria avançar. Só que, na Medicina, o que é um achado digno de ser patenteado? Seria um novo tratamento ou um novo método diagnóstico. Para que encontremos um tratamento de fato inovador, precisamos sair da pesquisa laboratorial e entrar na clínica. O nosso centro visa acelerar a translação dos dados da ciência básica para aplicações clínicas”.

Site: www.inct.info (já disponível)

INCT de Hormônios e Saúde da Mulher

Coordenadora: Poli Mara Spritzer

Recursos: 4 milhões e 180 mil reais

Sede: HCPA

Setores da UFRGS envolvidos: PPGs em Endocrinologia e em Fisiologia (e provável inserção do futuro PPG em Ginecologia).

Parcerias externas: rede de pesquisadores que já vem trabalhando há mais tempo, basicamente da Universidade Federal de Minas Gerais, da Universidade de São Paulo – Câmpus Ribeirão Preto, da Unicamp, da Universidade Federal do Paraná e em colaboração com um grupo emergente da Universidade de Passo Fundo. As parcerias acadêmicas internacionais incluem a Universidade de Melbourne (Austrália) e de Siena (Itália).

Ao que se dedica: ampliar uma área que tem pouca tradição no país, promovendo avanços em estudos sobre temas como contracepção, menopausa e menopausa precoce, infertilidade, síndrome dos ovários policísticos e distúrbios da puberdade, bem como a gestão de políticas de saúde para essas áreas. A pesquisa será desenvolvida em três níveis: laboratorial, clínica e epidemiológica, de base populacional. Objetiva dar condições para que os projetos desenvolvidos sejam implantados pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Como atividades de extensão, serão oferecidos encontros de endocrinologia feminina. O site do INCT deverá estar no ar em abril.

Palavra da coordenadora: “É uma área em que as políticas de saúde interessam. Podemos não só desenvolver trabalhos de ponta em pesquisa, como fazer com que esses resultados redundem para a sociedade em benefícios, tanto na prevenção quanto em práticas sociais que possam ser melhoradas com os conhecimentos que serão gerados. A médio e longo prazo, temos a meta de formar técnicos especializados, desenvolver protocolos de investigação para otimizar os recursos de saúde e ampliar a massa crítica, através da organização de workshops”.



O Laboratório de Endocrinologia do HCPA realizará as análises de hormônios femininos

Paz adiada

Faixa de Gaza

É o que resta para sobreviventes civis, enquanto grupos políticos israelenses e palestinos lutam pelo poder

Jacira Cabral da Silveira

Pouco antes da passagem do ano, em 27 de dezembro de 2008, o conflito entre israelenses e palestinos na Faixa de Gaza voltou a ocupar os noticiários internacionais. Israel afirmava que a sua ofensiva tinha o objetivo de impedir que militantes palestinos continuassem lançando foguetes contra seu território. Por sua vez, o Hamas (Movimento de Resistência Islâmica, que está no poder na Faixa de Gaza) anunciava que não iria renovar o acordo de cessar-fogo em vigor desde junho de 2008.

Como resultado, conforme o Centro Palestino para os Direitos Humanos, durante as três semanas de conflito, foram mortos 1.285 palestinos, entre os quais 280 crianças. Do lado israelense, o registro é de 13 mortos, três civis e dez soldados. Entre os sobreviventes palestinos, há mais de 50 mil pessoas que, em meio aos escombros, perderam a referência de onde moravam.

Em 24 de janeiro, enquanto jovens e crianças brasileiras gozavam suas férias, mais de 200 mil crianças palestinas voltaram às aulas depois do cessar-fogo anunciado pelo Hamas e da saída das tropas israelenses. Mas voltar à vida normal ainda é um sonho distante.

Jogo político – A comoção internacional diante do elevado número de mortos palestinos numa guerra de forças desiguais é inequivocamente justificada para o pesquisador de relações internacionais da UFRGS Paulo Visentini. Segundo ele, a busca do entendimento e a solução do problema passam por uma leitura mais aprofundada a respeito das forças que tencionam

cada novo passo nesse antigo conflito.

“A guerra representa toda uma tragédia humana brutal, mas a violência dos ataques e dos bombardeios, por vezes, encobre o real jogo político que está por trás”, explica o professor. Para ele, dizer que o conflito na Faixa de Gaza é o resultado de um ódio milenar, além de não ser uma verdade científica, não contribui para o processo político. E o pior, analisa Visentini, acaba levando alguns a endossar a ideia de que essa guerra não tem solução. “E tem.”

Na avaliação do pesquisador, o mau trato ao mundo islâmico cria uma histeria coletiva utilizada por alguns partidos e movimentos que instrumentalizam esse sentimento e o usam como bandeira política. “Na impossibilidade de mobilizar a população de outras formas, eles usam esse mau trato como uma forma de mobilização”. Para Visentini, toda cobertura da mídia que busca exclusivamente mostrar sangue, usar adjetivos e fazer acusações, colabora para dificultar a visibilidade dos fatos: “O problema é muito mais complexo, porque de ambos os lados existem forças políticas diferenciadas que querem coisas distintas”.

Disputa interna – “Toda guerra precisa de um pretexto”, diz o professor. E, no caso, há uma conjunção de forças, “são várias guerras juntas”. Para entender o que ocorre entre palestinos e israelenses, Visentini considera necessário identificar os diversos interesses que estão por trás do conflito. Uma das faces dessa guerra é a disputa existente na Faixa de Gaza, na qual, de um lado está o Hamas, e do outro, o Fatah, fundado em 1958 pelo falecido líder palestino Yasser Arafat.

Conforme o analista internacional, existe uma batalha entre o Hamas, que controla Gaza, e o Fatah, que domina os demais territórios que compõem a região e que leva o nome de sua principal cidade. Nessa disputa acirrada, em que mostrar força é prova de coragem, a questão é: “Quem vai man-

EM TEMPO

Na terça-feira, 27 de janeiro, a menos de duas semanas do cessar-fogo, militantes palestinos lançam bomba próximo à patrulha israelenses na fronteira com a Faixa de Gaza, matando um soldado e ferindo outros três. Na sequência, troca de tiros e disparos de helicópteros israelenses. Fragilidade do processo de paz na região desatualiza informações e reforça a noção de guerra sem fim.

dar nos palestinos e qual será a autoridade política que vai negociar em nome deles”. Para o professor, esse é um dos aspectos a serem observados para se entender o que é essa guerra que está acontecendo hoje e por que eclodiu agora. Um aspecto, contudo, é inegável: “Enquanto não existir um

estado palestino, enquanto houver ocupação destes territórios – conquistados em 1967 – haverá conflito”.

Outro problema é a questão interna em Israel, que realiza eleições em 2009, o que também sinaliza disputa de poder. Hoje, o partido governante está extremamente enfraquecido e o partido de oposição é totalmente contra qualquer concessão aos palestinos. “Por isso, o governo atual de Israel tem que dar uma demonstração de força, capaz de tranquilizar o povo israelense, mostrando-se capaz não só de fazer um acordo vantajoso como também de garantir a segurança do país no futuro”, explica Visentini.

Forças externas – Existe ainda um terceiro fator chamado Barack Obama, o que acarreta a introdução de uma série de outros atores políticos na questão entre palestinos e israelenses. Na opinião do analista de relações internacionais, o atual presidente norte-americano é peça importante na retirada das tropas americanas do Iraque, o que implicará negociações com países vizinhos para buscar um acordo que leve a um governo aceitável por todos. “É o único jeito para que essa retirada não represente uma vergonha, uma derrocada e uma instabilidade maior.” Entretanto, nessa negociação geral que o professor prevê no Oriente Médio, “ninguém quer se mostrar inferior”. Se, de um lado, Israel vai querer ser visto como capaz e apto de ser levado em consideração nas discussões, de outro, o Hamas também vai querer participar como o legítimo representante dos palestinos, com o argumento de que tem poder de fogo e, “se não nos derem alguma coisa, podemos incomodar”.

Nesse cenário surge ainda o Irã, país

Território árido

A Faixa de Gaza é um território árido, localizado a sudeste do Mediterrâneo, com cerca de 45 km de extensão e 10 km de largura. Está limitado ao norte e leste por Israel e Egito ao sul. Habitada há mais de 3.000 anos, atualmente a Faixa de Gaza tem uma população de cerca de 1,4 milhão de palestinos, mais da metade refugiados das guerras contra Israel. Tem uma das densidades populacionais mais altas do mundo e uma das maiores taxas de crescimento demográfico do planeta.

A maior parte dos habitantes vive com menos de 2 dólares por dia, e o nível de desemprego ultrapassa a casa dos 50%, devido às limitações de locomoção impostas por Israel, o que diminui o comércio através da fronteira e o acesso a postos de trabalho. Nos anos de 1948 e 1949, a população triplicou porque o território absorveu cerca de 1/4 das centenas de milhares de refugiados palestinos expulsos de áreas agora pertencentes a Israel. Israel tomou a Faixa de Gaza do Egito na guerra de 1967 e colocou fim a sua presença militar no território em setembro de 2005, retirando 8.500 colonos judeus que ocupavam 21 enclaves. (Notícias UOL/Reuters)

que também quer ser levado em consideração. Na época de Clinton, o Irã negociou com os Estados Unidos e estava por reatar relações. Depois, com a atuação dura do presidente Bush, o país ficou estigmatizado como o eixo do mal. “E agora o governo iraniano vê a possibilidade de voltar a negociar com os EUA. E para mostrar que tem força na região, vai usar seus aliados.” Considerando todos esses fatores, Visentini afirma ser pouco provável a ocorrência de uma guerra ampla e aberta na região: “Com a evolução das tecnologias militares, uma guerra dessas teria um custo inaceitável”, calcula.

O desejo de viver

O doutor em História e mestre em Ciências Políticas da UFRGS Paulo Visentini acredita que existem forças políticas que querem o entendimento de ambos os lados: “Existe uma geração nova que está cansada”, justifica.

O reconhecimento desse desejo está presente também na avaliação de Ahmad Ali, fundador da Sociedade Islâmica de Porto Alegre, e de Guershon Kwasniewski, rabino e integrante da Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência de Porto Alegre. Ambos fazem parte do Grupo Inter-religioso da capital gaúcha e afirmam que palestinos e judeus comuns não querem mais a guerra.

“A maior parte da população palestina quer viver em paz”, diz Ali. Fundador do Grupo Inter-religioso, em 1996, ele diz que a instituição é contrária ao fanatismo religioso, o que a torna um exemplo de relevância internacional.

Segundo o líder muçulmano no Brasil, o primeiro erro do movimento Hamas foi a divisão da força dos palestinos, ficando de um lado a Faixa de Gaza e de outro a Cisjordânia. Para ele, o mais importante nesse momento é a busca de uma voz para a Palestina toda: “Se eles querem trabalhar para uma solução,

têm de juntar forças e conversar, principalmente com Israel, que já reconhece que a autoridade palestina é quem pode falar em nome do povo palestino”.

Para Guershon, o diálogo é o único caminho para a paz no Oriente Médio. Ele vê na figura do presidente norte-americano Barack Obama uma nova possibilidade, como foram outros presidentes democratas. “Talvez ele seja um interlocutor válido entre israelenses e palestinos, pois a solução definitiva para esse conflito é a existência de dois estados.”

Embora as condições de vida dos israelenses sejam melhores do que as dos palestinos – pois, como comenta Visentini, “a Faixa de Gaza é um território de 45 km por 15 km, em cima de umas dunas de areia, comportando um milhão e meio de pessoas. É um absurdo a situação deles, que vivem em um gueto”. Guershon afirma que os jovens de Israel prefeririam estar na universidade do que no exército. Até sua aposentadoria, todo cidadão de Israel passa de um a três meses no exército: “O exército é a população de Israel, e nenhuma população quer perder seu tempo na guerra; eles querem aproveitar sua vida. E os palestinos também”.



Ahmad Ali, fundador da Sociedade Islâmica de Porto Alegre



Guershon Kwasniewski, da Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência



Acampados no continente gelado

Pesquisa

UFRGS lidera primeira expedição brasileira ao interior da Antártica

Ânia Chala

Batizada com o nome de Deserto de Cristal, a primeira expedição terrestre do Brasil ao interior do continente antártico foi liderada pelo glaciologista Jefferson Cardia Simões. Um marco na história da pesquisa no país, a viagem durou quase 60 dias, dos quais 45 em acampamento sobre o gelo, e teve a participação de mais quatro pesquisadores do Núcleo de Pesquisas Antárticas e Climáticas (Nupac), do Departamento de Geografia da Universidade: Ulisses Bremer, Luiz Fernando M. Reis, Francisco Aquino e Rosemary Vieira. Também fizeram parte do grupo Heitor Evangelista e Márcio Cataldo Silva, da UERJ; e Marcelo Arevalo, da Universidade de Magallanes, no Chile. O grupo gaúcho saiu de Porto Alegre em 19 de novembro e retornou em 18 de janeiro.

Primeiro brasileiro a alcançar o Polo Sul por terra no final de 2004, o professor Jefferson explica a importância da expedição recém-encerrada: “O nível atingido é fruto de um planejamento estratégico da nossa comunidade acadêmica e reflete a liderança em Geociências que a Universidade já tem no Brasil. A missão foi um sucesso do ponto de vista das metas científicas e da logística da exploração da região, sinalizando a importância de nosso papel no Programa Antártico Brasileiro (Proantar)”.

Para ele um dos aspectos positivos na exploração do Polo Sul tem sido o desenvolvimento de pesquisas por meio de equipes de diferentes países, uma vez que o Tratado Antártico exige a cooperação científica internacional, com o compartilhamento de informações e a parceria no uso dos dados de pesquisa. O pesquisador entende que para o Brasil, além do interesse científico, existe a questão política. “A fim de defendermos nosso direito sobre o futuro de 10% do planeta, devemos obrigatoriamente fazer essa investigação. É uma questão política, estratégica e científica.”

Prontos para tudo – Segundo Jefferson, a Universidade abriga a equipe de elite do Programa Antártico Brasileiro. “Nosso grupo de Glaciologia está apto a enfrentar intempéries extremas. Por isso, conseguimos partir de um programa restrito à zona costeira e oceânica para a exploração do continente. O Brasil tem uma estação em Comandante Ferraz e atua no oceano ao redor da Antártica e nas ilhas no lugar mais quente do continente, a 62° Sul, fora do círculo polar antártico”, explica o pesquisador.

De fato, há 25 anos o país tem se limitado a



Pesquisador Luiz Fernando Reis trabalhando dentro da barraca de perfuração do gelo

realizar pesquisas e marcar presença na periferia do continente, onde montou a estação Comandante Ferraz em 1984. Dessa vez, a equipe brasileira, financiada com recursos do CNPq, trabalhou a 2.100 km ao sul de Ferraz.

Jefferson ressalta que a pesquisa desenvolvida pelo Nupac está integrada a diferentes programas internacionais voltados ao entendimento da variabilidade do clima e ao papel da Antártica nessa variabilidade e suas inter-relações com outras partes do planeta. “Estamos em meio a um trabalho científico que deve contribuir para o conhecimento da região e, no caso do Rio Grande do Sul, que está geograficamente mais próximo, entender como aquele continente afeta nosso cotidiano.”

Na opinião do pesquisador, a expedição abre a possibilidade de estudos nas geociências, nas ciências da atmosfera, na astronomia e no próprio estudo de meteoritos: “O interior da Antártica é um lugar muito especial. Cabe lembrar que o substituto do telescópio Hubble está sendo instalado no polo sul geográfico. Trata-se de assumir a vanguarda em várias áreas científicas”.

Análise do material – As amostras coletadas durante a viagem foram enviadas para os laboratórios da Universidade do Maine, nos Estados Unidos, e serão analisadas com a par-

ticipação de pesquisadores brasileiros. “Esse trabalho necessita de laboratórios ultralimpes, com a temperatura mantida entre -10 e -15 graus centígrados. Nesse ambiente, as amostras de neve e gelo são descontaminadas, lavadas e limpas para a realização de uma série de análises químicas. No momento, não temos nenhum laboratório com essa capacidade na América Latina, pois o centro argentino que havia fechou”, lamenta.

Jefferson revela que o grupo de pesquisa vive um momento importante, pois está em apreciação pelo Instituto de Geociências da UFRGS a criação do Centro Polar e Climático, nome provisório do órgão de caráter interdisciplinar que, ainda neste ano, deverá suceder ao Nupac. “Será o único centro latino-americano polar porque, apesar de termos mais de uma dezena de institutos, todos estão voltados à Antártica. Vamos explorar as interligações das duas regiões polares com as mudanças do clima e suas conexões com o clima do Brasil.”

O novo centro ganhou um edital do Fundo de Infraestrutura do Ministério de Ciência e Tecnologia e da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) no valor de um milhão de reais. “Além dos laboratórios, vamos ter uma infraestrutura para pesquisa e para o ensino de nível universitário e médio sobre mudanças climáticas. Ao mesmo tempo, com o edital dos Insti-

tutos Nacionais de Ciência e Tecnologia, faremos uma ação integrada com sete universidades que resultará na criação do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia da Criosfera, liderado pelo futuro Centro Polar e Climático da UFRGS.” (ver reportagem da página central).

Parcerias de pesquisa – O professor Jefferson acrescenta que as pesquisas do Centro Polar irão debruçar-se sobre problemas presentes em nosso cotidiano: um deles é o testemunho de gelo, a técnica mais avançada e detalhada para a reconstrução da história climática e também da química da atmosfera da planeta Terra. “Essa técnica permite retrocedermos 800 mil anos no tempo, muitas vezes com resolução sazonal ou até maior. Assim, posso saber se o clima de 1800 foi mais frio ou mais quente, mais úmido ou mais seco...”

Conforme o glaciologista, no estudo desses testemunhos, a UFRGS tem uma associação natural de pesquisa com o Laboratório de Glaciologia e Geofísica do Meio Ambiente da França, um centro de excelência dos testemunhos que comprovaram o impacto do homem no aumento da concentração dos gases de efeito estufa; e com o Instituto de Mudanças do Clima, órgão que estuda a variabilidade climática, principalmente pelos testemunhos de gelo ao longo dos últimos 20 a 30 mil anos.

Cotidiano de explorador: 45 dias de pé frio

Na opinião do glaciologista da UFRGS Jefferson Cardia Simões, a equipe de pesquisadores que viajou à Antártica enfrentou condições muito mais difíceis do que as vividas por outros exploradores do Brasil. O Programa Antártico Brasileiro (Proantar) desenvolve atividades em três tipos de ambientes: em estações, no caso a Estação Antártica Comandante Ferraz, com a temperatura ambiente dos *containers* regulada e com toda a estrutura hoteleira; em navios; e em acampamentos. “Esse terceiro grupo está crescendo muito e hoje envolve 40% do programa. Mas esses acampamentos são feitos em rochas ou em praias. Fazemos parte do grupo de Glaciologia, treinado para enfrentar os riscos pró-

prios de uma geleira, como as fendas, as nevascas e as temperaturas de -35, -40 e -50 graus centígrados.”

A equipe liderada por Jefferson acampa em barracas que acomodam de duas a oito pessoas e a infraestrutura de que dispõe se limita a sacos de dormir, fogões portáteis e comunicação através de telefone satelital. Jefferson salienta que essas são condições-limite, sem margem para nenhuma diversão ou lazer, tanto que entre os exploradores polares sempre se conhece a data de partida, mas o retorno está sujeito a alterações pela dependência das condições meteorológicas. “Com 15 anos de experiência aprendi que, além de gozar de boa saúde, é necessária muita paciência consigo mesmo, com os colegas e

com o tempo meteorológico, que vai determinar o nosso cotidiano. Por isso, precisamos estar muito centrados psicologicamente e conhecendo nossas limitações. Sempre estamos preparados para sobreviver, no mínimo, o dobro do tempo planejado. Se uma missão está prevista para durar 45 dias, levamos alimentos suficientes para 90”, relata o glaciologista.

Jefferson acredita que o curso de Geologia atrai pessoas que gostam de atividades de campo e de trabalhar com a natureza em seu estado mais preservado. Mas alerta: é preciso estar disposto a abrir mão do conforto. “Como costume brincar, são 45 dias de pé frio. Mas o deserto de gelo oferece uma paisagem diferente formada por montanhas, miragens e fenô-

menos óticos como o halo, que é reflexo ao redor do sol, miragens. Isso sem falar no que está embaixo do enorme manto de gelo da Antártica. Hoje sabemos que há mais de 150 lagos de água doce sobre esse manto. Logo, por volta de 70% da água potável do mundo está na Antártica.”

Conforme o professor, esta é uma pesquisa cara e que precisa ter responsabilidade social, produzindo intelectualmente o máximo possível. “Algo que valorizo na minha formação como cientista é a divulgação, a inserção social desse conhecimento, porque torná-lo público é essencial. Isso é algo que me preocupa bastante em termos de universidade pública: ainda estamos muito aquém da demanda da sociedade por conheci-

mento. Muitos de meus colegas ainda têm dificuldade de se relacionar com a imprensa, por isso acho que devemos ser treinados para divulgar essas informações. E não fazer isso por orgulho ou pedantismo acadêmico, mas para valorizar a instituição perante a sociedade. Não é a sociedade que vai reconhecer a Universidade, mas a instituição é que deve mostrar a que veio para a comunidade. Ela tem que se fazer reconhecida. Essa visão arcaica da relação entre ciência e sociedade é de quem julga que a sociedade um belo dia baterá às portas da universidade e reconhecerá os cientistas. Na Europa e nos Estados Unidos já faz uma geração que esse conceito mudou.”



Artes Cênicas
Sala Elis Regina aguarda licitação para tornar-se o primeiro teatro municipal criado em mais de duas décadas

Em compasso de espera



FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Em janeiro, mês em que a morte de Elis Regina completa 27 anos, deveria iniciar-se a transformação em teatro da sala que leva o seu nome, localizada na Usina do Gasômetro. No entanto, a falta de interesse das empresas pela licitação lançada pela Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre (SMC) adiou mais uma vez a execução do projeto, que terá metade dos seus custos financiados pelo Grupo RBS. Se a reforma for concluída ainda dentro do prazo previsto, esse será o primeiro teatro municipal criado em mais de 20 anos.

A intenção de fazer da Sala Elis Regina um teatro ultrapassa uma década. No início dos anos 90, o interior da antiga termelétrica foi dividido em diversos ambientes, cada qual atendendo a uma necessidade específica. Em 1995, a Prefeitura lançou um concurso para escolher o projeto, do qual saiu vencedora a proposta dos arquitetos Rufino Becker e Sylvia Moreira, que entendia a sala como uma caixa cênica – um ambiente em que a interação entre os atores e o público pode ser modificada de acordo com a necessidade do diretor.

Contudo, naquele momento, a proposta não se efetivou. O motivo,

segundo Becker e o secretário municipal da Cultura, Sergius Gonzaga, foi a descoberta de falhas em relação à estrutura da Usina. Assim, optou-se por investir na segurança, o que resultou no adiamento da reforma e exigiu alterações no projeto arquitetônico original, uma vez que as vigas instaladas para reforço estrutural ocuparam espaço considerável. Desde então, sem iluminação adequada, um bom piso ou camarins, a Sala passou a maior parte do tempo sem oferecer programação.

Plano adiado – Em 2007, voltou-se a pensar na possibilidade de transformar o local em um teatro, integrando a segunda etapa do processo de revitalização da Usina do Gasômetro. Conforme Rufino Becker, professor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, apesar das alterações, foi mantida a concepção da caixa cênica. “Tendo em vista que a altura da sala impossibilita a instalação de um urdimento característico do teatro de palco italiano, optou-se por algo mais experimental. Haverá paredes, poltronas e plataformas móveis. Tal estrutura permite que o diretor posicione o palco e o público da maneira

que achar mais adequada e que o número de lugares varie de acordo com a organização, chegando ao máximo de 300 pessoas.” Além disso, o arquiteto explica que foi feita uma opção pela predominância da cor preta para que a atenção do público seja direcionada somente ao espetáculo em si.

A previsão inicial de gastos com a modificação gira em torno de R\$ 3,5 milhões, custo que será dividido igualmente entre a Secretaria Municipal da Cultura e o Grupo RBS. Cada uma das partes será responsável tanto pela compra do material quanto pela contratação da empresa que atuará na reforma. No caso da Secretaria, esses itens devem ser adquiridos por meio de processo licitatório. No entanto, nenhuma empresa manifestou interesse pela licitação lançada no início do mês pela Prefeitura, o que acabou adiando mais uma vez o começo das obras. Dessa maneira, uma comissão formada pela SMC reformulará a proposta, que deve ser re-lançada em 60 dias.

Paula Vieira,
estudante do 4º semestre de
Jornalismo da Fabico

Carência de espaços

A entrega do Teatro Elis Regina está prevista para o final de 2009. Contudo, o andamento da obra, alerta o professor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS Rufino Becker, vai depender da liberação da verba. O secretário de Cultura Sergius Gonzaga diz que Porto Alegre sempre teve um grande problema com relação aos seus espaços culturais, que são muito menores do que é demandado pela classe artística e pela própria população. Para ele, a principal função do poder público é criar e manter meios que auxiliem a sociedade de forma permanente.

Essa visão se assemelha a do chefe do Departamento de Artes Dramáticas (DAD) da UFRGS, João Pedro Gil: “Se pensarmos como o poeta e dramaturgo espanhol Federico Garcia Lorca que o grau de civilidade de uma sociedade é medido pelo número de hospitais e teatros construídos nela, perceberemos que é sempre bom festejar a abertura de novos espaços para as artes”. Mas o professor também en-

tende que não basta expandir os ambientes, se não houver investimentos em projetos político-pedagógicos que articulem as questões culturais e educacionais.

Para Inês Marocco, também professora do DAD, é preocupante o fato de que muitos artistas que saem da Universidade não tenham espaço no mercado de trabalho. A docente enumera como principais responsáveis pela situação a falta de divulgação e a dificuldade de se conseguir apoio.

Por sua vez, a diretora de teatro Adriane Mottola garante que a produção cultural local só não é maior porque há poucos teatros na cidade. Ela também reclama que, de modo geral, o empresariado patrocina apenas eventos de grande porte.

Sergius Gonzaga aponta a carência de verbas como um dos fatores que impossibilitam a realização de muitos planos da área cultural. Ele revela que as verbas destinadas a SMC não ultrapassam 1% do orçamento da Prefeitura da capital.

JU indica

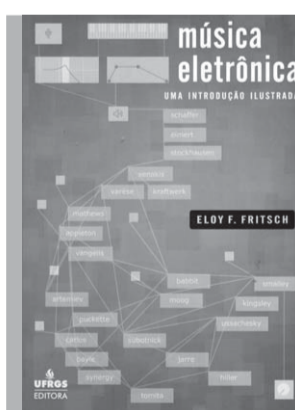
A redação no vestibular: do leitor ao produtor de texto

Comissão Permanente de Seleção (Coperse)
Editora da UFRGS, 2008,
240 págs.,
R\$ 20 (valor médio)



O livro atualiza a série de publicações anuais da Coperse cuja temática é a prova de redação do concurso vestibular da UFRGS. O particular desta edição está na análise das redações do vestibular de 2008 e da própria proposta, reorientada para a interdisciplinaridade: uma aproximação entre literatura e identidade social, no caso, a *brasilidade*. A obra está organizada em três conjuntos temáticos: na primeira parte, com reflexões linguísticas a partir da análise de redações, são enfocados a polifonia no discurso, os ângulos de abordagem da tipificação da identidade nacional, o papel da descrição no texto dissertativo, o processo de textualização, a relação entre o uso do vocabulário e o desempenho na prova, além de um panorama do

acordo ortográfico em relação aos erros praticados pelos vestibulandos. A segunda parte acolhe reflexões literárias, como as escolhas de obras e personagens para a tipificação da brasilidade e uma análise de pertinências e impertinências relacionadas ao modo como as obras são lidas/trabalhadas nos bancos escolares. Por fim, a terceira, apresenta um breve histórico da prova de redação na Universidade do Paraná e na UFRGS, e suas implicações para o aperfeiçoamento do ensino de língua portuguesa e para o escrever bem. Leitura interessante para professores de língua e literatura, vestibulandos e para quem quer aperfeiçoar-se na (arte da) produção textual. (Antônio Falcetta)



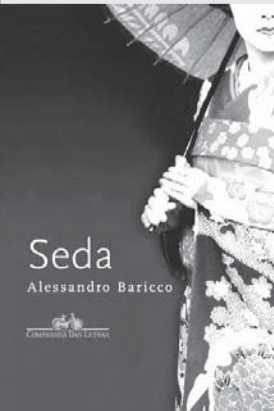
Música eletrônica – uma introdução ilustrada

de Eloy F. Fritsch,
Editora da UFRGS, 2008,
412 págs.,
R\$ 50 (valor médio)

Para compor música eletrônica não basta apenas dominar a tecnologia, é necessário conhecimento musical. O autor, professor do Departamento de Música da UFRGS, apresenta conteúdos de música eletrônica, como sua história, estéticas, principais compositores, obras musicais, técnicas de composição, discografia e aplicações de linguagens técnicas de programação para a composição musical. Ricamente ilustrado, o livro destina-se a estudantes, músicos, compositores e iniciantes no mundo da música eletroacústica. Com o livro, um DVD de composições realizadas pelo autor, com a descrição de cada música, apresentando ao leitor diferentes estéticas e técnicas de composição de música eletroacústica, servindo de material didático complementar. (Pedro Cassel)

Seda

de Alessandro Baricco
Companhia das Letras,
2007, 128 págs.,
R\$ 31 (valor médio)



O escritor italiano Alessandro Baricco sabe contar uma boa história. O livro relata a vida de Hervé Joncour, que, no final do século XIX, com frequência, fazia uma cansativa travessia de vários meses da França ao Japão. O objetivo era buscar ovos de bichos-da-seda para as fiações que, em sua cidade, ao sul da França, produziam seda. Numa dessas viagens, ele conhece uma jovem de grande beleza que o deixa impressionado. O relato é muito bem conduzido e explora de forma delicada e sutil os efeitos desse acontecimento na vida de sua fiel esposa, que permanece sozinha, à sua espera, por longos períodos. O texto, que mistura romance, conto, fábula e aventura, é para aqueles que apreciam o prazer da leitura. (Artur Lopes)



Sábados de literatura na Riachuelo

Caminho do Livro
Mostra com atrações culturais e comércio de livros investe na revitalização do Centro de Porto Alegre

Já conhecida tradicionalmente pelos amantes da literatura como a rua dos livros, devido à grande concentração de sebos e livrarias, a Riachuelo ganhou mais um reforço nesse sentido. A partir de uma parceria da Câmara Rio-Grandense do Livro (CRL) e do Programa Viva o Centro, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, surgiu o projeto Caminho do Livro: uma feira literária ao ar livre, com comércio de livros e diversas atividades artísticas e culturais.

Todo sábado, o trecho da Riachuelo entre a avenida Borges de Medeiros e a rua General Câmara é fechado ao trânsito para que os livreiros montem suas barracas e ofereçam ao público seus saldos e promoções, contaminando o ar com o cheiro dos livros. Graças ao apoio de instituições como o Arquivo Público do Rio Grande do Sul, a Biblioteca Pública do Estado, o Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo e o Teatro de Arena, a iniciativa ganhou ainda mais força. Música ao vivo e outras atrações dão um clima festivo ao ambiente.

O novo local de cultura e entretenimento foi inaugurado em 9 de agosto do ano passado, mas a inspiração de um caminho voltado à literatura surgiu no final da década de 1980, na gestão de Alceu Collares na prefeitura de Porto Alegre, em que o projeto foi posto em prática por um pequeno período. Em 2008, a ideia foi reeditada com a preocupação de que o evento perdesse e atraísse a população.

Local de passeio – Integrado ao Programa Viva o Centro, da Prefeitura da capital, assim como o Caminho dos Antiquários, o Caminho do Livro tem o objetivo de revitalizar e humanizar a área central da cidade – que por muito tempo carregou uma imagem negativa – e transformá-la em um local de passeio, não só de passagem. “A ideia é integrar o Caminho do Livro em um circuito contínuo de feiras e eventos que possam atrair as pessoas para o centro, criando uma oferta turística capaz de revelar os valores dessa região. Queremos que o projeto seja mais que um comércio de livros”, explica Glênio Bohrer, gerente do Programa Viva o Centro.

Cerca de 40 livreiros e empresas de vários municípios da região metropolitana inscreveram-se na CRL, participando das edições realizadas entre 9 de agosto e 20 de dezembro. “Nos primeiros sábados, havia pessoas disputando lugar para colocar a barraca, porque é tudo numerado”, conta Gladis Nievinski, da Libretos Editora. “Estava muito legal. Mas o lugar não é muito propício no verão,

pois o calor acaba afastando o público”, completa. Por isso, os organizadores foram obrigados a interromper o projeto: a intensidade do sol, além de comprometer o estado físico dos livros e desgastar os livreiros, afastou a população já escassa na cidade durante o período de férias. Entre os comerciantes, a Praça da Matriz surgiu como uma possível nova sede da feira, onde se poderiam aproveitar os espaços sob a sombra das copas das árvores. Mas, segundo os organizadores, essa mudança poderia contrariar a essência do evento, apoiada na tradição da Riachuelo como polo livreiro. Para Glênio, a vantagem dessa rua é que ali já existem muitas livrarias instaladas. “Fazendo na Praça da Matriz, a gente perderia um pouco desse vínculo”, argumenta.

Entrosamento – O recesso de verão servirá para uma revisão e para o planejamento da programação deste ano. Durante os meses de janeiro e fevereiro, novas parcerias serão feitas e a programação será organizada a fim de consagrar o Caminho do Livro como uma nova opção de entretenimento na cidade aos sábados, assim como o Brique da Redenção, que reúne centenas de visitantes aos domingos. “Começamos com um projeto piloto. Para março, a Prefeitura já aprovou a melhoria da programação visual, para dar maior visibilidade à feira, e também cachês para contratação de espetáculos artísticos (em 2008, as atividades contaram com o apoio de convidados, que não cobraram cachê). Iremos retomar o projeto com muito mais força. Estamos formatando várias atividades literárias. Também iremos fazer o recadastramento dos livreiros”, diz Sônia Zanchetta, da Câmara Rio-Grandense do Livro.

Glênio considera que a experiência inicial trouxe muito aprendizado e abriu as portas para novas possibilidades. “Foi o início, e com ele a gente está aprendendo e se dando conta, entendendo o que é melhor e como direcionar o projeto para melhorar em 2009. Tivemos um bom público e a participação de muitos livreiros. Temos expectativa de que, neste ano, poderemos iniciar com o projeto um pouco mais estruturado. E com perspectiva de sucesso.” A data exata ainda não foi definida, mas tudo indica que a feira reiniciará nos primeiros sábados de março, das 10h às 16h, estendendo-se até a Feira do Livro de Porto Alegre, no final de outubro.

O bom retorno do público é o grande trunfo do Caminho do Livro. Nas bancas podem-se encontrar livros novos e antigos, opções para os mais diversos gostos e idades, todos com descontos ou preços reduzidos. Segundo os organizadores, o comércio local, bem como os moradores dos prédios próximos, apoiam o evento e também participam. Problemas com o desvio do trânsito e alterações na rotina da rua já foram assimilados. “A sensação é de que existe um bom entrosamento com a população”, conclui Glênio.

Pedro Cassel, estudante do 4º semestre de Jornalismo da Fabico

Feira do Livro semanal

A programação deste ano do projeto Caminho do Livro terá como base as atividades que ocorreram nas primeiras edições de 2008. Juntamente com as bancas de livros instaladas nas calçadas da Riachuelo, atrações artísticas acompanharão cada edição do evento. Além de apresentações musicais ao vivo e grupos de dança, geralmente em frente ao Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano, o projeto contará com lançamentos de livros, sessões de autógrafos e de contação de histórias com os escritores, cursos e oficinas, seminários de literatura, palestras e bate-papos com autores, mesas-redondas com educadores. Enfim, um pouco de tudo o que, de alguma forma, acontece durante a Feira do Livro.

Para que haja mais visibilidade, planeja-se que as apresentações artísticas ocorram próximo à avenida Borges de Medeiros, onde o movimento é maior. Também estão previstos mais investimentos em divulgação, com a veiculação de chamadas nos meios de comunicação, de modo a tornar o Caminho conhecido das pessoas. A consolidação do evento se faz necessária rapidamente, pois há o risco de que pequenos livreiros deixem o projeto pela redução no volume de

vendas. “Há livreiros ali que não são associados à Câmara e não têm livraria com portas abertas ao público. São os chamados creditistas. Eles participam de feirinhas, vendem nos colégios, estão sempre procurando oportu-

A ideia é integrar o Caminho do Livro em um circuito de feiras e eventos que possam atrair as pessoas para o Centro

tidades de negócio. E preciso buscar essa consolidação, pois muitos podem procurar outros espaços de comercialização”, explica Sônia Zanchetta, da Câmara Rio-Grandense do Livro.

Além de reafirmar a tradição da rua Riachuelo, elevando-a ao patamar de ponto turístico, o Caminho do Livro é uma aposta em vários sentidos. Apesar de não ser reconhecida como uma

cidade turística, Porto Alegre tem muita visitação, e “afirmar as características positivas de determinados setores e espaços a serem reconhecidos por esses valores é importante para o centro, um território composto de muitos pequenos territórios e que pode ser mais bem reconhecido”, afirma Glênio Bohrer, gerente do Programa Viva o Centro, da Prefeitura Municipal. A já consolidada Feira do Caminho dos Antiquários, que também acontece aos sábados, entre as ruas Marechal Floriano Peixoto e Fernando Machado, é um exemplo a ser seguido.

Para Sônia, o projeto também pode ajudar a incentivar o hábito de leitura, já que, apesar de ser o estado que mais lê, o Rio Grande do Sul apresenta um nível muito baixo de leitura em relação a países de primeiro mundo. “Um grave problema brasileiro é o elevado nível de analfabetos funcionais. Existe um trabalho para a formação de leitores nas escolas, mas não adianta ler só enquanto se é estudante. É preciso ser leitor para sempre, e criar o hábito passa também pela escolha do livro que se irá ler. Então essas feiras têm um retorno muito interessante no sentido de deixar a pessoa escolher. Facilitar o momento do namoro com aquele monte de livros é algo fascinante.”



► **Redação** Ânia Chala | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE

Em busca de outro olhar sobre a UFRGS

Museu apresenta exposição fotográfica que resgata a história da Instituição

Inaugurada em 26 de janeiro, a exposição *UFRGS: invisíveis lugares - Serestarficar* reúne mais de cem fotos que ajudam a contar a história da Universidade. Maria Aparecida Bergamaschi, que divide a curadoria da mostra com a professora Maria Stephanou, diz que o ponto de partida para a organização do acervo foi destacar o papel do patrimônio edificado como evocador de memórias. "O serestarficar evoca as vivências de diferentes sujeitos em diferentes tempos na Universidade."

A exposição tem quatro momentos: o primeiro, registra o nascimento da UFRGS com seus vários prédios dispersos ainda sem a configuração de um câmpus até os anos 50, época da federalização; o segundo módulo, acompanha a construção da reitoria e do Câmpus da Saúde; o terceiro, mostra a edificação do Câmpus do Vale; e o último módulo, enfoca os prédios restaurados e as novas construções. "Os visitantes farão essa viagem no



tempo partindo do presente até o passado da Universidade", diz a curadora.

De acordo com a diretora do Museu da UFRGS, Cláudia Aristimunha, a intenção é atrair a comunidade acadêmica, divulgando o acervo de fotos sobre a própria Universidade e sobre a cidade de Porto Alegre. "A mostra é também uma forma de receber os novos alunos." Ela acrescenta que a exposição marca o início das comemorações pelos 25 anos de criação do Museu.

Em meio à exposição serão colhidos depoimentos dos visitantes sobre suas memórias de vivência na Universidade. "Faremos o registro desses depoimentos,

utilizando a metodologia da história oral. Além disso, será possível deixar relatos por escrito no site do Museu ou por meio de um formulário impresso, distribuído durante a mostra", explica Cláudia. Para auxiliar nesse processo de resgate da história institucional, será exibido na Sala Multimeios o programa *Conhecendo a UFRGS*, produzido pela equipe da UFRGS TV, que apresenta os diversos espaços da Universidade.

A mostra poderá ser visitada até 24 de abril, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h, com entrada franca. Outras informações pelos telefones 3308-3159 e 3308-3390.

CINEMA

I Mostra de Verão do Cinema Francês

Ciclo organizado pelo Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão em parceria com a Aliança Francesa. A atividade tem curadoria de Christophe Benest e marca o início das comemorações do ano da França no Brasil. Apoio: Centro de Entretenimento e o Vídeo Levou. Outras informações no site www.difusaocultural.ufrgs.br

OS MAUS PERDEDORES



(França, 2005, 85min.), de Frédéric Baillekdjian. Em meio a uma crise pessoal, homem faz amizade com imigrante ilegal e decide ajudá-lo a escapar de uma rede de tráfico de pessoas. Sessões: 27 e 29 de janeiro, terça e quinta-feira. Local e horário: Sala Redenção, dia 27, excepcionalmente às 17h; dia 29, às 18h. Entrada franca.

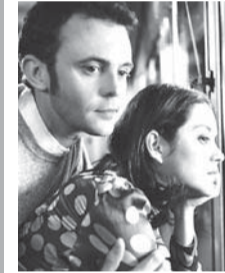
VIZINHOS E VIZINHAS (França, 2005, 90min.), de Malik Chibane. No subúrbio de Paris, moradores de um prédio recebem um novo vizinho, cantor de rap, que busca inspiração para compor observando o dia-a-dia de seus vizinhos. Sessões: 29 de janeiro e 3 de fevereiro, quinta e terça-feira. Local e horário: Sala Redenção, dia 29, às 20h; dia 3, às 18h. Entrada franca.

QUANDO VOCÊ DESCE DO CÉU (França, 2003, 100min.), de Éric Guirado. Jovem interiorano vai à cidade em busca de emprego e acaba fazendo amizade com um vagabundo. Ele consegue trabalho na

prefeitura, mas é encarregado de limpar a cidade dos mendigos e vagabundos para as festas de fim de ano. Sessões: 3 e 5 de fevereiro, terça e quinta-feira. Local e horário: Sala Redenção, dia 3, às 20h; dia 5, às 18h. Entrada franca.

QUEM ME AMAR ME SIGA (França, 2006, 100min.), de Benoît Cohen. Médico leva uma existência pacata, até encontrar cantora que sacode sua vida. Ele decide abandonar a carreira e dedicar-se à música, sua verdadeira paixão. Sessões: 5 e 10 de fevereiro, quinta e terça-feira. Local e horário: Sala Redenção, dia 5, às 20h; dia 10, às 18h. Entrada franca.

VOCÊ E EU



(França, 2006, 90min.), de Julie Lopez-Corval. Diante de uma realidade pouco romântica, redatora de telenovela reinventa sua vida amorosa dando asas à imaginação. Sessões: 10 e 12 de fevereiro, terça e quinta-feira. Local e horário: Sala Redenção, dia 10, às 20h; dia 12, às 18h. Entrada franca.

MÁ FÉ (França, 2005, 88min.), de Roschdy Zem. Clara, judia, e Ismael, muçulmano, formam um casal feliz até o dia em que ela engravida. A relação dos dois passará por duras provas, diante das pressões familiares. Sessões: 12 e 17 de fevereiro, quinta e terça-feira. Local e horário: Sala Redenção, dia 12, às 20h; dia 17, às 18h. Entrada franca.

A ESQUIVA



(França, 2004, 117min.), de Abdelatif Kechiche. Adolescente apaixonado por colega decide declarar-se através das falas de um personagem de espetáculo que a jovem ensaia para a escola. Mas se desespera diante das exigências do texto que precisa decorar. Sessões: 17 e 19 de fevereiro, terça e quinta-feira. Local e horário: Sala Redenção, dia 17, às 20h; dia 19, às 18h. Entrada franca.

A TRAIÇÃO (França, 2005, 80min.), de Philippe Faucon. Durante a guerra da Argélia, o convívio entre comandante de tropa e jovem soldado sublinha as contradições e o absurdo da "guerra sem nome". Sessão única: 19 de fevereiro, quinta-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 20h. Entrada franca.

Ciclo de verão: cinema francês para crianças

Exibição de animações produzidas por importantes diretores franceses. O ciclo resulta de uma parceria entre o Departamento de Difusão Cultural e a Aliança Francesa. Apoio: Centro de Entretenimento e o Vídeo Levou.

AS AVENTURAS DE AZUR E ASMAR



(França, 2006, 99min.), de Michel Ocelot. Criados pela mesma mulher, os meninos

Azur e Asmar cresceram como se fossem irmãos, até serem separados. Adultos, se descobrem rivais na busca por uma lendária fada. Sessão: 28 de janeiro, quarta-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 17h. Entrada franca.

ARTHUR E OS MINIMOYS (França, 2006, 102min.) de Luc Besson. Para evitar que a casa de sua avó seja demolida, menino procura tesouro escondido no mundo dos Minimoys, onde as proporções são reduzidas e existe harmonia entre os seres e a natureza. Sessão: 4 de fevereiro, quarta-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 17h. Entrada franca.

O URSO (França, 1989), de Jean Jacques Annaud. Filhote órfão faz amizade com urso pardo gigante. Ameaçados por caçadores, os dois ursos fogem, atravessando montanhas selvagens e rios gelados à procura de segurança. Sessão: 11 de fevereiro, quarta-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 17h. Entrada franca.

CAÇADORES DE DRAGÕES



(França, 2008, 81min.), de Guillaume L'vnel. Zoe, uma garota que adora contos, decide ajudar seu tio, dono de um imenso castelo e de uma fabulosa fortuna. À procura de heróis, encontra dois atrapalhados caçadores de dragões. Determinada a seguir em sua aventura, ela parte em uma viagem perigosa para um mundo desconhecido. Sessão: 18 de fevereiro, quarta-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 17h. Entrada franca.

CURSOS & PALESTRAS

Introdução ao sequenciamento MIDI

Curso de extensão promovido pelo Centro de Música Eletrônica (CME) do Instituto de Artes da UFRGS. O sequenciamento é uma das principais ferramentas da música instrumental e eletrônica, utilizado mundialmente em estúdios de gravação e produção musical. O curso será ministrado pelo professor Luciano Zanatta. Pré-requisitos: prática musical com conhecimento básico

de teoria. Na inscrição será realizada uma entrevista com o professor. Período: 3 a 13 de fevereiro. Local e horário: CME, das 14h às 16h. Inscrições: até 30 de janeiro, no CME. Informações: musica.eletronica@ufrgs.br

Introdução à interpretação teatral: corpo, voz, ação

Curso de extensão intensivo de verão promovido pelo Departamento de Arte

Dramática da UFRGS. As aulas serão ministradas pela professora Joana Isabel. Período: 03 a 12 de fevereiro. Local e horário: DAD, de segunda a quinta-feira, das 14h às 18h. Informações: 9378-4961 e 3249-3199 ou através do e-mail joanaaisabel.teatro@gmail.com

ONDE?

Ceclimar
Av. Tramandaí, 976 – Centro de Imbé
Fone: (51) 3627-1309

Centro de Música Eletrônica
Rua Senhor dos Passos, 248/sala 61
Fone: 3308-4329

Departamento de Arte Dramática da UFRGS
Rua General Vitorino, 255
Fone: 3308-4373

Museu da UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
Fone: 3308-3390

Sala Redenção
Rua Luiz Englert, s/nº
Fone: 3308-3933

CECLIMAR

Programação de Verão

Série de atividades educativas e culturais voltada para a comunidade, organizada pelo Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinheiros da UFRGS (Ceclimar). Informações pelo telefone 3308-5673 e no site www.ufrgs.br/ceclimar

Oficina Paleontologia: a caça ao tesouro
Ministrantes: Matias Ritter e Roberto Farias. Público-alvo: acima de 7 anos. Data: 3 de fevereiro, terça-feira. Local e horário: Ceclimar, 14h30min às 16h. Taxa: R\$ 5.

Atividade recreativa Criando e brincando com o meio ambiente
Ministrantes: Karine Steigleder e Emanuele Zanellato. Público-alvo: acima de 7 anos. Datas: 3, 10 e 17 de fevereiro, terças-feiras. Local e horário: área externa do Ceclimar, das 16h às 17h. Entrada franca.

Oficina Conhecendo a nossa fauna silvestre
Ministrante: Maristela da Silva Pinheiro. Público-alvo: 6 a 16 anos. Data: 4 de fevereiro, quarta-feira. Local e horário: Ceclimar, 14h30min às 16h. Taxa: R\$ 5.

Oficina Conhecendo e preservando as tartarugas marinhas



Ministrantes: Karine Steigleder, Juliana Tisca e Renata Xavier. Público-alvo: acima de 7 anos. Datas: 4 e 19 de fevereiro, quarta e quinta-feira. Local e horário: Ceclimar, das 16h30min às 18h. Taxa: R\$ 5.

Oficina Lixo: de vilão a herói
Ministrante: Luise Penz. Público-alvo: crianças de 8 a 12 anos. Data: 5 de fevereiro, quinta-feira. Local e horário: Ceclimar, 14h30min às 16h. Taxa: R\$ 5.

Oficina Artesanato em escama de peixe
Ministrante: Tia Mariquinha (artesã). Público-alvo: geral. Data: 5 de fevereiro, quinta-feira. Local e horário: Ceclimar, às 16h. Entrada franca.

Oficina Museu vai à praia
Ministrantes: técnicos do Ceclimar. Público-alvo: geral. Datas: 6, 13 e 20 de fevereiro, sextas-

feiras. Locais e horários: dia 6, na praia de Imbé, próximo à Av. Santa Rosa; dia 13, em Arroio do Sal; dia 20, em Tramandaí, próximo ao Quebra-Mar, sempre das 9h às 15h. Entrada franca.

Oficina Uma viagem ao oceano
Ministrantes: Vanessa Agostini e Matias Ritter. Público-alvo: acima de 6 anos. Data: 10 de fevereiro, terça-feira. Local e horário: Ceclimar, das 14h30min às 16h. Taxa: R\$ 5.

Oficina Arte com lata
Ministrante: Ana Lucia Fernandes Marinowski. Público-alvo: de 7 a 10 anos.

Data: 10 e 11 de fevereiro, terça e quarta-feira. Local e horário: Ceclimar, das 16h às 18h30min. Entrada franca.

Oficina Petrôleo: do passado ao futuro
Ministrantes: Emanuele Zanellato e Edilon da Silva. Público-alvo: 8 a 12 anos. Data: 12 de fevereiro, quinta-feira. Local e horário: Ceclimar, das 16h às 17h. Taxa: R\$ 5.

Palestra Banho de mar seguro
Ministrante: Elírio Ernestino Toldo Jr. Público-alvo: geral. Data: 18 de fevereiro. Local e horário: auditório do Ceclimar, às 17h. Entrada franca.

Exibição e debate



CAIU NA REDE É GENTE (RS, documentário, 25 min.), de Gabriel Athanzio. Produção que aborda a morte de surfistas em redes de pesca no litoral do RS. Os realizadores são surfistas e convivem com este problema que se arrasta por mais de 20 anos. Sessão: 18 de fevereiro, quarta-feira. Local e horário: auditório do Ceclimar, às 19h.

Oficina A fauna marinha visitante das nossas praias
Ministrante: Maurício Tavares. Público-alvo: geral. Data: 19 de fevereiro, quinta-feira. Local e horário: Ceclimar, às 18h. Taxa: R\$ 5.

Exposição 200 anos de Darwin
Mostra organizada em parceria com o Instituto de Biociências da Universidade para celebrar o aniversário de nascimento do naturalista inglês. Abertura: 12 de fevereiro. Local: auditório do Ceclimar. Visitação: terça a domingo, das 15h às 19h. Entrada franca.

Meu Lugar na UFRGS



BRUNA GOSS/JU

Sejam bem-vindos

Edison Bica percorre calmamente o corredor entre o pátio e o salão de entrada da Colônia com seu filho no colo. O menino, que se chama Cauã, tinha somente 42 dias de vida na época em que esta entrevista foi realizada. As funcionárias da Colônia de Férias de Tramandaí da UFRGS, da qual o orgulhoso pai é zelador, mimam a criança: “Olha como ele é alegre...”, fala uma delas, “...e bonito”, completa a outra. E Cauã realmente é. Todo esse orgulho e o sentimento de felicidade que o filho lhe traz é, também, o que representa a Colônia para Edison, que há mais de cinco anos se divide entre a zeladoria e o casamento – que teve início naquele lugar.

Para entender a história do relacionamento de Edison com a esposa, Patrícia, é necessário retroceder alguns anos, quando sua sogra, Meli Cunha, foi trabalhar na Colônia. “Estou aqui há bastante tempo, já passei por quase todos os setores, da limpeza à cozinha, e é normal que algum parente venha trabalhar por um tempo, mas eu não esperava que uma delas se apaixonasse”, diz a nova vovó. E foi o que aconteceu, pouco tempo depois de sua filha começar a trabalhar como garçonete do restaurante. Meli, que à época era uma das cozinheiras do estabelecimento, conta que os dois foram se conhecendo aos poucos. Edison ainda era um trabalhador temporário e cuidava da segurança da Colônia à noite. “Namoramos por cerca de um ano, e foi mais ou menos durante esse período que surgiu o convite para trabalhar como zelador em Capão Novo”, completa. O então zelador da Colônia de Capão Novo da UFRGS aderiu ao “PDV” – pedido de demissão voluntária –, e Edison foi designado para o seu lugar. Como Edison e Patrícia estavam juntos há um tempo, e a união já era forte o bastante para não se dissolver devido à nova oportunidade de trabalho, resolveram embarcar na empreitada, que acabou se revelando uma ótima ideia. Passado algum tempo, casaram-se em uma igreja de Capão Novo, onde administraram a Colônia por seis anos.

Edison adquiriu experiência suficiente para depois ser chamado de volta a Tramandaí, onde trabalha até hoje como zelador. Sua sogra, Meli, aprovou o retorno: “Quando soube que eles voltariam para cá, fiquei muito feliz, a família é muito importante”, diz. E a chegada do primeiro filho do casal, o novo “inquilino” da pousada, só veio para confirmar essa fase de felicidade. Cauã, entretanto, nasceu em Porto Alegre, pois “na cidade grande seria mais fácil arranjar médicos e um

bom hospital”, comenta o pai. Ele também é natural de Porto Alegre e lembra que na capital trabalhou no ramo imobiliário, como vistoriador de imóveis, e na Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) – empregos que, segundo ele, não foram tão importantes como o atual.

Na realidade, o que Edison mais parece apreciar no seu trabalho é a companhia das pessoas, as quais gosta de atender, e mais, gosta de vê-las felizes e satisfeitas. Talvez por isso ele não esteja tão contente neste verão, devido à falta de cozinheiro no restaurante da Colônia, o que deixa os veranistas um pouco desconfortáveis. Mas nem isso foi capaz de afastá-los da hospedaria da UFRGS, que está com a maioria dos quartos ocupada.

Uma das mais antigas hóspedes é Mirian Torres, que se define como “veranista, outonista, primaverista e invernista da Colônia de Férias de Tramandaí”. Edison a conhece há bastante tempo e presenciou um momento dramático de sua vida. Dona Mirian perdeu o esposo, que era professor na Faculdade de Odontologia da UFRGS, num dia 17 de abril, em Tramandaí. Ela resolveu depositar as cinzas do marido na plataforma da praia. E todo o dia 17 de cada mês ela visita a plataforma e hospeda-se na Colônia – uma forma de lembrar e homenagear o marido. “Ela tinha um apartamento aqui na praia com o seu companheiro, e ainda tem muitas lembranças dele. Por isso vem para cá”, explica Edison. Dona Mirian diz que a Colônia também ajuda a manter seu astral para cima: “A gente já tem aquela turma que vem sempre, então o pessoal acaba criando uma amizade e se mantém unido”. A Colônia traz muitas lembranças às pessoas que lá veraneiam; criam-se laços com alguém que se conhece certo ano, mas nunca mais se volta a ver. É o caso de Meli, que se emociona ao dizer que teve várias boas amigas que nunca mais conseguiu encontrar, “... mas a vida é assim, não?”, completa ela.

Rafael Glória

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET às segundas, terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil Não ver as árvores, mas a floresta

Ludwig Buckup
O professor de 188 mil referências virtuais valoriza o entorno da academia

Caroline da Silva

Os números o apresentam: nasceu em 25 de março de 1932, ingressou como estudante na UFRGS em 1952. Entrou para o corpo docente da Universidade sete anos mais tarde. Aposentou-se em 1990, mas continua como professor colaborador convidado. “Oferecido”, brinca. Aos 76 anos de idade, Ludwig Buckup soma 188 mil referências no mais famoso site de busca da Internet. Em seu Currículo Lattes, são 14 linhas de pesquisa, cinco áreas de atuação, 168 trabalhos técnicos e 112 participações em eventos, entre outras tantas atividades.

Descendente de alemães que chegaram ao país no final do século XIX, nasceu em São Paulo capital. Sua educação obrigou-o a manter os olhos abertos para todas as coisas que o cercavam. Teve os benefícios de estudar em um excelente colégio, praticar esportes e competir (natação, remo, vela), estudar música e viajar.

Piano - “Tenho certeza de que herdei da minha família um forte gosto pela música. Havia muitos músicos na minha linha ancestral.” Buckup começou a tocar piano criança e quase se formou no instrumento, mantendo a atividade musical paralela à formação de biólogo. “Toquei piano para a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre e terminei presidente da Ospa.” Durante o governo de Antonio Britto, foi convidado a assumir a presidência da Fundação Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Ainda hoje, gosta de dar algumas dedilhadas.

Rio Grande do Sul - Enquanto cursava o equivalente ao Ensino Médio em São Paulo, cogitou ser engenheiro agrônomo. Como sua família tinha conhecidos aqui, decidiu passar um tempo numa estância no Rio Grande do Sul para saber se o seu caminho era aquele, já que era um jovem essencialmente urbano. Em janeiro de 1949, embarcou no porto de Santos em um navio do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), chegou a Rio Grande e pegou um trem para Bagé, onde ficava a Cinco Cruzes (atual estação Embrapecuária Sul). “Era uma das fazendas experimentais que Getúlio Vargas implementou em várias partes do Brasil. Foi o primeiro centro de experimentação em reprodução animal assistida”, conta Buckup.

O garoto gostou muito do estado e dos gaúchos. Foi quando tomou duas decisões importantes: não queria ser engenheiro agrônomo, mas desejava viver aqui. Diz ter percebido que, para quem não cresce com um vínculo com o espaço rural e não vem de uma família que já lida com a agronomia, o máximo que pode tornar-se é um capataz.

Biologia - “Acabei retornando para aquilo que mais me despertou desde



FLAVIO DUTRA / PROJETO CONTATO

criança: a biologia, os seres vivos, a natureza.” Ludwig Buckup voltou a São Paulo, concluiu os estudos e depois veio em definitivo para cá. Conforme narra, era sabido que um dos melhores, “senão o melhor”, curso de História Natural do país estava em Porto Alegre, na UFRGS.

A afinidade com a natureza veio da infância, em função do contato que o sítio da família lhe proporcionara. “Havia realmente uma vocação indiscutível com relação a gostar mais das coisas vivas.” Ele afirma que as expe-

adotar o regime de dedicação exclusiva, em 1975, foi professor também na PUC, lecionando Fisiologia Humana e Zoologia. “Mas a remuneração não pagava nem a gasolina para ir até lá e a única forma de ser produtivo é se dedicar de forma integral ao trabalho de investigação. Não dá para fazer pesquisa em intervalo de aula.”

No início, debruçou-se sobre a entomologia (ciência que estuda os insetos), formando especialistas para a área. No mesmo ano em que assumiu a dedicação exclusiva, partiu para o estudo dos crustáceos brasileiros, um campo carente de investigação. Como sempre participou de órgãos deliberativos, acabou propondo a criação das disciplinas de ecologia animal e oceanografia biológica, as quais lecionou por anos.

Prorext - “Uma das coisas mais gratificantes e que talvez tenha sido o momento mais significativo da vida universitária não foi tanto a pesquisa, mas o trabalho de extensão.” O biólogo avalia que a História Natural o ensinou a não ver só as árvores, mas sim a floresta; na sua opinião, foi isso que serviu de estímulo para que não se limitasse ao gabinete ou ao laboratório.

O reitor Macarthy Moreira (1980-84) convidou-o para o cargo de pró-reitor de extensão. Nessa época, foi criado o Unimúsica, carro-chefe do programa Unicultura. Em seguida, vieram projetos como o Uniarte e o Cultura Doze e Trinta, que “estavam maduros para eclodirem durante a abertura política na década de 1980”. O ex-pró-reitor ressalta que naquele momento havia como atrair novamente o estudante para dentro da Universidade.

“O Unimúsica persiste até hoje, sofreu metamorfoses e de repente voltou-se para os eventos remunerados dos grupos musicais de fora. Mas gostaria mesmo de vê-lo retornando ainda às suas origens, como o espaço para a música e a arte do meio universitário local, da UFRGS”, recapitula Buckup.

“Minha grande tristeza é que a nossa Universidade não está mais acompanhando a sua irrecusável tarefa de ser o balizador das transformações sociais do RS.”

riências que teve jamais se apagaram. “Tinha curiosidade de descobrir, de semear e observar as plantas crescendo, ver borboletas eclodindo de casulos, observar as abelhas e formigas trabalhando.”

Bodas de ouro - No próximo 1º de março, o professor completará 50 anos de docência, sem nunca ter se afastado da Universidade. Recebeu convites de outras instituições, “mas sou UFRGS e ninguém me tira daqui”. Antes de



Exploradores antárticos

FOTOS EXPEDIÇÃO DESERTO DE CRISTAL
 TEXTO JEFFERSON CARDIA SIMÕES



Acampamento avançado no Monte Johns, local de perfuração do testemunho de gelo



Voo de saída da carga na desmontagem do acampamento no Monte Johns



Halo: fenômeno óptico causado por cristais de gelo na atmosfera

Dizem que a Antártica aprisiona para sempre aquele que lá esteve, criando um desejo de voltar. As razões são muitas: paisagens insólitas e desconhecidas, fenômenos ópticos na atmosfera, o isolamento total, o companheirismo de uma expedição, ou o encontro intimista para outros. A Antártica é o último continente intocado do planeta, o único que ficou na sua forma original, existente antes da expansão do espaço ocupado pelo homem. Exemplo de cooperação internacional, é a nossa última chance de trabalharmos em conjunto pela preservação ambiental do planeta. Se lá falharmos, teremos poucas chances de sucesso em outras regiões da nossa casa!

Em um dia ensolarado, sem nuvens, sem vento, me afasto mil metros do acampamento. A radiação bate em meu rosto e o silêncio é absoluto. Menos dezessete graus é agradável nessas condições, assim facilmente me esqueço de que estou no centro do manto de gelo (o “deserto de cristal”), um dos mais agressivos ambientes do planeta e que em poucas horas poderia ser engolfado por nevascas que duram alguns dias, separado do desastre total somente pela lona de nossas barracas. No fundo, uma beleza estranha, expressada com perfeição por Richard Byrd, o primeiro explorador a voar até o Polo Sul Geográfico: “Havia uma grande beleza aqui, daquela maneira como coisas que são também terríveis podem ser belas”.



Neve à deriva na região das montanhas Patriot



Montagem do aparelho para coleta de amostras do ar nas montanhas Patriot